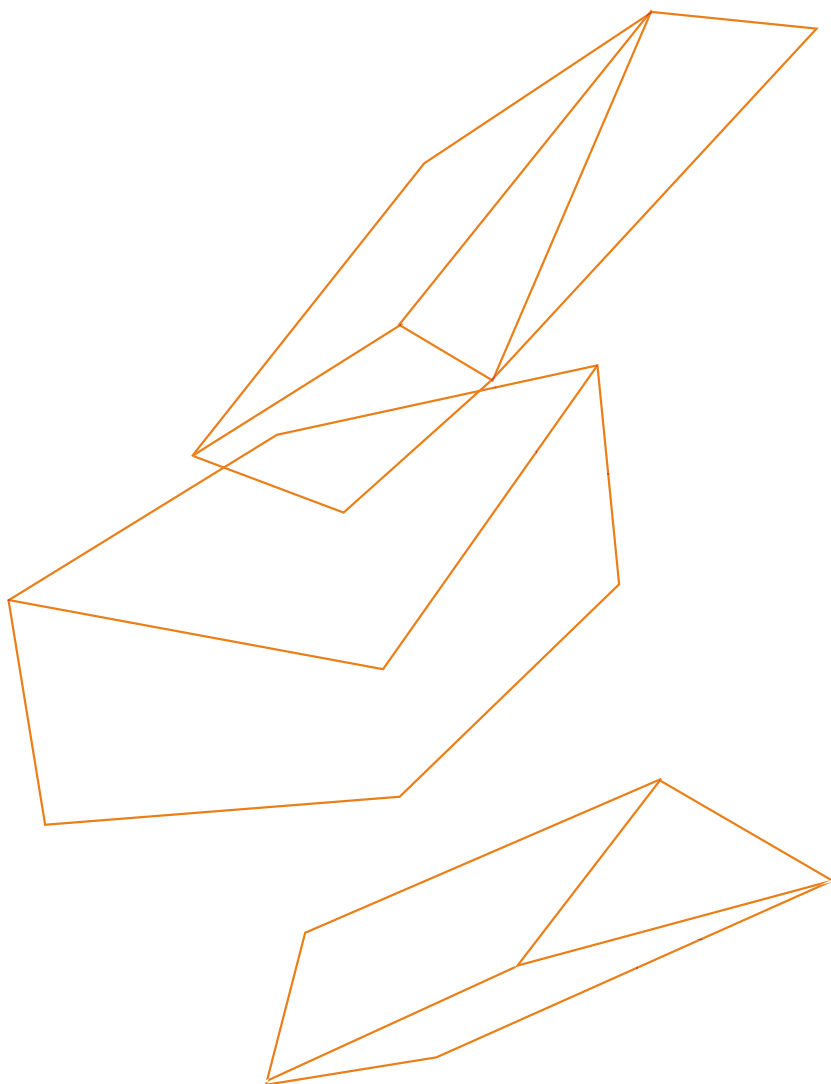


VIII jornada de iniciação científica



A Jornada de Iniciação Científica, promovida anualmente desde 2009 pela Escola da Cidade, foi concebida como oportunidade de difusão e de debate de pesquisas fomentados pela própria escola. Em sua VIII edição, a Jornada desse ano de 2016 se reafirma como esse espaço prolífico de debate inicialmente idealizado, bem como evidencia a diversidade e as múltiplas possibilidades assumidas pela pesquisa de graduação na Escola da Cidade ao assumir um caráter nacional. Buscando assim ampliar suas conquistas e objetivos, o evento deste ano mantém a profícua experiência iniciada em 2014, abrindo espaço para a apresentação de pesquisas de iniciação científica de arquitetura e urbanismo (e áreas afins) também realizadas em outras universidades, faculdades e escolas de ensino superior. A possibilidade de colocar em diálogo os trabalhos realizados na Escola da Cidade com aqueles feitos em outras instituições de ensino é uma oportunidade única de ampliação das perspectivas de debate, fundamental para o adensamento do pensamento crítico no âmbito da pesquisa científica em arquitetura e urbanismo.

Diante do sucesso dos últimos anos e da alta procura dos jovens pesquisadores, a Comissão da VIII Jornada de Iniciação Científica da Escola da Cidade entendeu que a ampliação das mesas seria um ganho positivo para toda a comunidade. Neste sentido, a VIII Jornada de Iniciação Científica contará com 12 mesas, que abarcam 60 pesquisas de alunos de graduação de todo o país, e que contarão com os comentários de profissionais respeitados em seus campos de atuação, o que uma vez mais só têm a nos honrar.

A mesa **Território, planejamento e direito à cidade** conta com o Prof. Dr. Caio Santo Amore, docente da FAU-USP, e busca debater sentidos e

significados em torno dos instrumentos do planejamento urbano e seus desdobramentos quanto ao direito à cidade. Nesta linha, planos diretores, cartografias, particularidades da ocupação do território, bem como a própria arquitetura são identificados como lugares de expressão e investigação de tais questões. Já a mesa **Processos e projeto em arquitetura** traz contribuições significativas para a investigação em torno de práticas e experiências associadas ao projeto arquitetônico. Com contribuição da Profa. Dra. Marta Bogea, docente da FAU-USP, busca-se constituir e explorar um conjunto de trajetórias investigativas, que sinalizam para processos projetuais não apenas de arquitetos consagrados, mas, também, de experiências colaborativas e associadas aos usuários dos edifícios.

A Profa. Dra. Sabrina Studart Fontenele, do CPC-USP e pós-doutoranda no IFCH-UNICAMP, participa da mesa **Memória e cidade**, onde noções de patrimônio aparecem articuladas. Neste sentido, trata-se de inventários, arquivos e conjuntos documentais ou arquitetônicos, que trazem à luz aspectos significativos para a reflexão em torno de transformações urbanas e a cristalização de certas narrativas e discursos acerca da memória. Em **Modos de habitar**, a Profa. Dra. Glória Kok, pesquisadora do MAE-USP e professora da EC, contribui com um conjunto de investigações que têm seus objetos de pesquisa associados às noções do habitar. Tomando obras clássicas, periódicos ou mesmo certos conjuntos edificadas e as práticas que ali se dão, esta mesa propõe enfrentar diferentes aspectos dos sentidos do habitar relacionando-os com aspectos diversos da cultura, sociedade e história.

Projeto, pressupostos e técnicas construtivas é uma mesa dedicada às edificações a partir de aspectos essencialmente ligados ao fazer e à cons-

trução. O Prof. Dr. José Eduardo Baravelli, docente junto à FAU-USP e à FIAM-FAAM, é o convidado desta mesa e com sua experiência ligada a este universo busca-se uma reflexão em torno de concepções projetuais particulares e coletivas, bem como dos aspectos técnicos e/ou construtivos que antecedem e dialogam com o fazer arquitetônico. A Profa. Dra. Paula Santoro é a convidada da mesa **Habitação social e políticas públicas**, que busca enfrentar este que é um dos temas da arquitetura e do urbanismo que mais tem concentrado esforços investigativos. Neste sentido, os trabalhos aqui reunidos procuram dar destaque a algumas experiências icônicas das atuais políticas brasileiras. Tenham sido elas realizadas no plano municipal ou federal, tais investigações sinalizam para desdobramentos territoriais locais, regionais ou nacionais que como política alcançam.

Em **Olhares e representações da metrópole**, a cultura visual é colocada em debate, em seus mais variados aspectos e manifestações, através de um conjunto de pesquisas que tem a cidade e a arquitetura através de suas representações como centro do debate. Para tanto, esta mesa conta com a contribuição da Profa. Dra. Silvana Rubino, professora do IFCH-UNICAMP, debatendo coleções e conjuntos fotográficos, a produção cinematográfica, além da relação das comunidades e indivíduos com a produção destes documentos. Tomando a cidade como objeto de investigação, na relação direta com seus habitantes, a mesa **Cidade, espaços e sujeitos** lança olhar para as dinâmicas sociais em torno da memória e do cotidiano nas cidades. Com participação da Profa. Dra. Ana Castro, docente da FAU-USP e ex-professora da Escola da Cidade, esta mesa abarca reflexões em torno de conjuntos históricos da cidade e o lugar de seus atores na cidade contemporânea. A cidade contemporânea é também o centro do debate articulado em torno da mesa **Cidade, arquitetura e dinâmicas do capital**. Para tanto, conta com a presença da Profa. Dra. Beatriz Kara José, do Senac, e procura pensar as articulações e embates entre alguns dos processos econômicos contemporâneos e as dinâmicas de produção da cidade e da arquitetura em escalas que vão do edifício ao global.

Diálogos entre arte, cidade e arquitetura sinaliza para o importante e presente diálogo entre a arte e a arquitetura, nos seus mais diferentes aspectos, especialmente na relação com a sociedade contemporânea. Neste sentido, a mesa conta com a Profa. Dra. Taisa Palhares, docente do IFCH-UNICAMP, para estabelecer reflexões acerca destas relações, especialmente articuladas em torno da

fotografia e do cinema, além das recepções de certas manifestações e eventos artísticos. Sinalizando ainda, embora de maneira distinta, para os nexos culturais, mas também identitários, presentes em nossas cidades e arquiteturas, a mesa **Arquitetura e identidades construídas ou imaginadas** busca apontar para certos diálogos estabelecidos entre cidades, arquitetos e a construção de movimentos artísticos. Neste sentido, a Profa. Dra. Maria Lucia Bressan Pinheiro, docente da FAU-USP, é a convidada desta mesa que pretende marcar, através dos trabalhos aqui apresentados, percursos de compreensão da história da arquitetura em diálogos com identidades construídas ou imaginadas.

Por fim, **Trabalho, trabalhadores e memória** é uma mesa dedicada aos embates pela memória e história da cidade e suas construções, em algumas de suas chaves de reflexão específicas. Para tanto, a convidada desta mesa é a Profa. Dra. Ana Lanna, da FAU-USP, que tem como foco de reflexão os processos de construção e consolidação da cidade e seus espaços habitáveis, na relação com a história e a memória dos trabalhadores e do trabalho na construção - ou seus apagamentos.

Comissão Científica

Prof. Dr. Eduardo Costa
Prof. Ms. Fábio Mosaner
Profa. Dra. Fernanda Pitta
Profa. Dra. Joana Mello
Prof. Dr. Luis Octavio de Faria e Silva
Profa. Ms. Maira Rios
Profa. Dra. Marianna Boghosian Al Assal
Prof. Ms. Pedro Lopes

MESA 1

Território, planejamento e direito à cidade

comentário: Prof. Dr. Caio Santo Amore (FAU-USP)
coordenação: Profa. Dra. Marta Lagreca (EC)

1. Observa SP: potencializar a pauta do direito à cidade na política urbana de São Paulo através da comunicação

Caroline Nobre Taveira
(FAU-USP / Bolsa Cultura e Extensão USP)
orientação: Profa. Dra. Paula Santoro (FAU-USP)

2. Reflexos dos Planos Diretores nos indicadores de infraestrutura urbana dos municípios mineiros e paulistas

Juliana Manami Yoshida e Lucas Corrêa Maia Freitas (DAU-UFV / Bolsa PIBIC-FAPEMIG)
orientação: Prof. Dr. Tiago Augusto da Cunha (DAU-UFV)

3. Considerações sobre o padrão de expansão da área urbana dos municípios mineiros.

Blanca Valadares Ferreira
(DAU-UFV / Bolsa PIBIC-FAPEMIG)
orientação: Prof. Dr. Tiago Augusto da Cunha (DAU-UFV)

4. As representações cartográficas oficiais e não oficiais sobre Belo Monte: uma comparação

Bruna Ribeiro e Maytê Coelho (IFSP e EC / Estágio em pesquisa Projeto Contracondutas - EC)
orientação: Profa. Dra. Marta Lagreca (EC), Prof. Dr. José Paulo Gouveia (EC) e Prof. Dr. Paulo Roberto de Albuquerque Bomfim (IFSP)

5. Conviver com o Semiárido: a arquitetura como uma ferramenta de apoio à resistência das comunidades sertanejas

Yuka Perdigão Ogawa (DAU-UFC)
orientação: Prof. Dr. Renato Pequeno (DAU-UFC)

MESA 2

Processo e projeto em arquitetura

comentário: Profa. Dra. Marta Bogea (FAU-USP)
coordenação: Profa. Ms. Maira Rios (EC)

1. Conceitos e procedimentos projetuais na obra de Peter Eisenman

Leandro Barros Nascimento
(USJT / Programa PIVIC-USJT)
orientação: Prof. Dra. Maria Isabel Imbronito (USJT e FIAM-FAAM)

2. O processo de projeto paramétrico e a experiência da arquitetura

Amon Christian Lasmar
(UFSJ /Bolsa PIBIC-FAPEMIG)
orientação: Profa. Dra. Marcela Alves de Almeida (UFSJ)

3. O desenho e os processos de produção da arquitetura: os projetos do acervo de Ícaro de Castro Mello

Glauber Triana Chacra e Sofia Villela Borges (EC / Bolsas PE - Conselho Científico EC)
orientação: Prof. Ms. Fábio Mosaner (EC)

4. Arquitetura de usuários

Tatiane dos Santos Vidal
(Belas Artes SP / Bolsa IC - Belas Artes SP)
orientação: Prof. Dr. Ademir Pereira dos Santos (Belas Artes SP e UNITAU)

5. A historicização do pensamento inclusivo - uma análise histórica da inclusão de pessoas com deficiência física por meio de uma arquitetura acessível

Julia Lara Bayma de Souza Lima
(EC / Bolsa IC - Conselho Científico EC)
orientação: Prof. Ms. Pedro Lopes (EC)

MESA 3

Memória e cidade

comentário: Profa. Dra. Sabrina Studart Fontenele (CPC-USP e IFCH-UNICAMP)

coordenação: Prof. Ms. Fábio Mosaner (EC)

1. Inventário do patrimônio cultural de Limeira-SP

Matheus Januário da Silva

(FIEL / Bolsa PAPIC-FIEL)

orientação: Prof. Dr. Marcelo Cachioni (FIEL) e

Profa. Ms. Juliana Binotti Scariato (FIEL)

2. Memórias de Parelheiros: reconhecendo as referências culturais da colonização alemã

Leila Silva de Souza (USJT / Programa PIVIC-USJT)

orientação: Profa. Dra. Andréa de Oliveira

Tourinho (USJT)

3. Avenida Rio Branco: transformações e permanências em sua história urbana (Rio de Janeiro, 1960 a 1989)

Andréia Feitoza de Oliveira

(FAU-USP / Bolsa FAPESP)

orientação: Profa. Dra. Flavia Brito do Nascimento

(FAU-USP)

4. A Praça XV do Rio de Janeiro: transformação urbana na segunda metade do século XX

Laís Miki Inoue Nagano

(FAU-USP / Bolsa PIBIC-CNPq)

orientação: Profa. Dra. Flavia Brito do Nascimento

(FAU-USP)

5. Buenos Aires: memórias de dor na paisagem urbana

Rebeca Lopes Cabral (EC / Bolsa FAPESP)

orientação: Profa. Dra. Marianna Boghosian Al

Assal (EC)

MESA 4

Modos de habitar

comentário: Profa. Dra. Glória Kok (MAE-USP e EC)

coordenação: Prof. Ms. Pedro Lopes (EC)

1. Casa-Aldeia: microcosmo

Thiago Benucci (EC / bolsa FAPESP)

orientação: Prof. Dr. Pedro Cesarino (FFLCH-USP)

2. A configuração física e simbólica dos espaços domésticos segundo Gilberto Freyre

Gabriella Gonçalves (EC / Bolsa IC -

Conselho Científico EC)

orientação: Profa. Dra. Joana Mello

(EC e FAU-USP)

3. O Morar Moderno: o processo de transformação do espaço da casa e da vida doméstica pela revista o cruzeiro

Beatriz dos Santos Alves Ventura Fernandes

(FAU-USP / Bolsa FAPESP)

orientação: Profa. Dra. Joana Mello

(EC e FAU-USP)

4. Cidade habitada: percepções dos meios de habitar o Conjunto Habitacional Jardim Edite

Ana Flávia de Siqueira Simão

(SENAC / Bolsa SENAC)

orientação: Prof. Ms. Ricardo Luis Silva (SENAC)

5. Relato de ocupação: moradia e imaginário a partir do Hotel Cambridge

Bárbara Fernandes e Fernanda Colejo

(EC / Bolsas PE - Conselho Científico EC)

orientação: Prof. Dr. Gilberto Mariotti (EC)

MESA 5

Projeto, pressupostos e técnicas construtivas

comentário: Prof. Dr. José Eduardo Baravelli

(FIAM-FAAM e FAU-USP)

coordenação: Profa. Dra. Joana Mello

(EC e FAU-USP)

1. Concepções espaciais e práticas pedagógicas: análise de obras arquitetônicas referenciais no ensino público paulista

Miranda Zamberlan Nedel

(IAU-USP / Bolsa FAPESP)

orientação: Prof. Dr. Givaldo Luiz Medeiros

(IAU-USP)

2. Por uma arquitetura social: o legado de Mayumi Watanabe de Souza Lima

Bruna Marchiori Souto

(EC / Bolsa IC - Conselho Científico EC)

orientação: Profa. Dra. Joana Mello

(EC e FAU-USP)

3. O emprego de estruturas metálicas tridimensionais em quatro obras de Eduardo de Almeida

Ugo Breyton Silva

(EC / Bolsa IC - Conselho Científico EC)

orientação: Prof. Dr. Cesar Shundi Iwamizu

(EC e FAU-USP)

4. Análise crítica da Pré-Fabricação e seus canteiros de obra - os casos do Terminal 3 do Aeroporto de Guarulhos e do Centro Internacional SARAH de Neuroreabilitação e Neurociências (RJ)

Carolina Bosio Quinzani e Mably Rocha (EC / Estágio em pesquisa Projeto Contracondutas - EC)
orientação: Profa. Dra. Anália Amorim (EC e FAU-USP) e Prof. Valdemir Lucio Rosa (EC)

5. Tipologia habitacional e o processo de projetos participativos: análise crítica do desenvolvido e tipologia do conjunto habitacional COPROMO

Nathália Conte Mendes Batista (FAU-MACK / Bolsa PIBIC-MACK)
orientação: Prof. Ms. Paulo Emilio Buarque Ferreira (FAU-MACK)

MESA 6

Habitação social e políticas públicas

comentário: Profa. Dra. Paula Santoro (FAU-USP)
coordenação: Prof. Dr. Luis Octavio de Faria e Silva (EC e USJT)

1. Locação Social em São Paulo: o caso do Parque do Gato

Larissa Gomes (USJT / Programa PIVIC-USJT)
orientação: Prof. Dr. Luis Octavio de Faria e Silva (EC e USJT)

2. Os Planos Locais de Habitação de Interesse Social (PLHIS) e a política ambiental

Edson Maia Villela Filho (PUCPR)
orientação: Prof. Dra. Zulma das Graças Lucena Schussel (PUCPR)

3. A construção do discurso dos atores envolvidos na produção do Programa Minha Casa Minha Vida

João Vitor Ferrari Rabelo e Eduarda Assis Carmo (UFMG / Bolsa FAPEMIG)
orientação: Profa. Dra. Denise Morado Nascimento (UFMG)

4. Casa para quem precisa: desequilíbrios entre público alvo e atingido pelo Programa Minha Casa, Minha Vida em Minas Gerais e Espírito Santo

Lorena Gomes Ravazzi e Jorge Lira de Toledo e Gazel (DAU-UFV / Bolsa PIBIC-FAPEMIG)
orientação: Prof. Dr. Tiago Augusto da Cunha (DAU-UFV)

5. Avaliação da política pública do governo brasileiro para a programação de habitação social

João Paulo Gobbo de Sousa (UNITAU)
orientação: Prof. Dr. José Oswaldo Soares de Oliveira (UNITAU)

MESA 7

Olhares e representações da metrópole

comentário: Profa. Dra. Silvana Rubino (IFCH-UNICAMP)
coordenação: Profa. Dra. Fernanda Pitta (EC e Pinacoteca-SP)

1. A cidade de São Paulo através de seus rios: estudo de imagens fotográficas de fins do século XIX até meados do século XX

Alexandre Kok Martins (EC / Bolsa IC - Conselho Científico EC)
orientação: Profa. Ms. Amália Cristovão dos Santos (EC)

2. Centro de São Paulo: identidade e cotidiano a partir da produção de imagens fotográficas

Fiona Susan Platt (SENAC)
orientação: Prof. Ms. Ralf José Castanheira Flôres (SENAC)

3. Cidade E Cinema: representações da periferia no cinema brasileiro (Rio de Janeiro e São Paulo)

Vinícius Okada Micheletto de Moraes D'Amico e Jeanne Alves Vilela (IAU-USP / Bolsas PUB-USP)
orientação: Prof. Dr. Ruy Sardinha Lopes (IAU-USP)

4. Aprendendo com as diferenças: comunidades informais e autoconstrução em São Paulo e Copenhagen

Julia Park (EC / Bolsa IC - Conselho Científico EC)
orientação: Prof. Dr. Luis Octavio de Faria e Silva (EC e USJT)

5. Do lirismo ao caos: experimentação gráfica sobre São Paulo a partir de Walter Benjamin

Guilherme Paschoal Ribeiro (EC / Bolsa PE - Conselho Científico EC)
orientação: Prof. Ms. Alexandre Benoit (EC)

MESA 8

Cidade, espaços e sujeitos

comentário: Profa. Dra. Ana Castro (FAU-USP)

coordenação: Profa. Ms. Amália Cristovão dos Santos (EC)

1. Patrimônio edificado no Brás

Yasmin Darviche (FAU-USP / Bolsa CNPq)
orientação: Profa. Dra. Beatriz Mugayar Kühl (FAU-USP)

2. Área central do Rio de Janeiro: patrimônio cultural, participação social e políticas urbanas (1970-2000)

Renata Satie da Cruz (FAU-USP / Bolsa FAPESP)
orientação: Profa. Dra. Flavia Brito do Nascimento (FAU-USP)

3. A Praça da Bandeira em São Paulo: ideias em conflito, realizações e projetos interrompidos

Gustavo Marques dos Santos (FAU-USP / Bolsa PIBIC-CNPq)
orientação: Prof. Dr. Renato Cymbalista (FAU-USP)

4. Na altura do olhar: três aproximações sobre a Gal. Jardim

Tali Liberman Caldas
(EC / Bolsa IC - Conselho Científico EC)
orientação: Prof. Dr. Eduardo Costa (EC)

5. Análise comparativa de lugares públicos na metrópole contemporânea: estudo sobre a Praça Sívio Romero e o Shopping Tatuapé, São Paulo - SP

Teresa Cristina Barroso Vieira
(FAU-USP / Bolsa PIBIC-CNPq)
orientação: Prof. Dr. Eugenio Fernandes Queiroga (FAU-USP)

MESA 9

Cidade, arquitetura e dinâmicas do capital

comentário: Profa. Dra. Beatriz Kara José (Senac)
coordenação: Prof. Ms. Guilherme Petrella (EC e USJT)

1. Cidade Compacta e observação da Operação Urbana Consorciada (OUC) Bairro do Tamandateí

Aline Gomes (USJT / Programa PIVIC-USJT)
orientação: Prof. Dr. Luis Octavio de Faria e Silva (USJT)

2. Transformações e permanências na Barra Funda: a área envoltória do Teatro São Pedro

Larissa Tesubake de Farias (USJT / Programa PIVIC-USJT)

orientação: Profa. Dra. Andréa de Oliveira Tourinho (USJT)

3. São Paulo: duas cidades em uma. Um estudo sobre a Galeria MetrÓpole e o Conjunto Cidade Jardim

Debora Cristina da Silva
(EC / Bolsa IC - Conselho Científico EC)
orientação: Profa. Dra. Marina Grinover (EC / FAU-USP)

4. Arquitetura e cidade na era do capital financeiro - os espaços aeroportuários

Bianca Feliz Okamoto e Gabriel de Paula Biselli (EC / Estágio em pesquisa Projeto Contracondutas - EC)
orientação: Profa. Dra. Marianna Boghosian Al Assal (EC) e Prof. Ms. Guilherme Petrella (EC e USJT)

5. Desconstruindo o canteiro: o caso do Terminal 3 - Aeroporto de Guarulhos

Rafaella Luppino e Stela Mori Neri Silva (EC / Estágio em pesquisa Projeto Contracondutas - EC)
orientação: Profa. Dra. Anália Amorim (EC e FAU-USP) e Prof. Valdemir Lucio Rosa (EC)

MESA 10

Diálogos entre arte, cidade e arquitetura

comentário: Profa. Dra. Taisa Palhares (IFCH-UNICAMP)
coordenação: Prof. Dr. Gilberto Mariotti (EC)

1. Fenomenologia da forma construída - olhares tecidos sob as lentes ofuscadas pela contemporaneidade: a metrópole na fotografia de Michael Wesely

Beatriz Gomes Ferreira
(FAU-USP / Bolsa PIBIC-CNPq)
orientação: Prof. Dr. Guilherme Wisnik (FAU-USP)

2. Olhar feminino: a presença da mulher na cidade moderna, percebida através da fotografia de Alice Brill, Berenice Abbott e Vivian Maier

Caroline Pimenta Medeiros
(SENAC / Bolsa SENAC)
orientação: Prof. Ms. Ricardo Luis Silva (SENAC)

3. Moholy-Nagy e as representações estéticas da metrópole através do audiovisual: mapeamento e apreensão da realidade

José Tiago Belarmino de Lima
(SENAC / Bolsa SENAC)
orientação: Prof. Ms. Ricardo Luis Silva (SENAC)

4. A recepção do III salão de maio entre movimentos artísticos brasileiros

Olívia Mendes Tavares
(EC / Bolsa IC - Conselho Científico EC)
orientação: Profa. Dra. Fernanda Pitta (EC e Pinacoteca-SP)

5. Experiência, espaço, desenho: um olhar para a obra de Lina Bo Bardi e os Neoconcretos

Pedro Feris Araujo
(EC / Bolsa PE - Conselho Científico EC)
orientação: Pro. Dr. Gilberto Mariotti (EC)

MESA 11

Arquitetura e identidades construídas ou imaginadas

comentário: Profa. Dra. Maria Lucia Bressan Pinheiro (FAU-USP)
coordenação: Profa. Dra. Marianna Boghosian Al Assal (EC)

1. A Mesquita de Santo Amaro como representação da cultura árabe em São Paulo

Henrique Garcia Prado
(USJT / Programa PIVIC-USJT)
orientação: Profa. Dra. Andréa de Oliveira Tourinho (USJT)

2. A obra residencial de Severiano Porto em Manaus: levantamento e análise comparativa

Isabella De Bonis Silva Simões
(EC / Bolsa VE - Conselho Científico EC)
orientação: Profa. Dra. Joana Mello (EC e FAU-USP)

3. Modernos e brasileiros: o diálogo do Brasil Arquitetura com o trabalho de Lina Bo Bardi e Lucio Costa

Luana Espig Regiani (FEC-UNICAMP / Bolsa FAPESP)
orientação: Profa. Dra. Silvana Rubino (IFCH-UNICAMP)

4. Latin American Architecture since 1945: história e historiografia

Laura Levi Costa Sousa (EC / Bolsa FAPESP)
orientação: Profa. Dra. Marianna Boghosian Al Assal (EC)

5. Habitação social e identidade nos Congressos Panamericanos de Arquitetura

Bruna Carolina de Souza Pereira (FEC-UNICAMP / Bolsa PIBIC-CNPq)
orientação: Profa. Dra. Josianne Francia Cerasoli (IFCH-UNICAMP)

MESA 12

Trabalho, trabalhadores e memória

comentário: Profa. Dra. Ana Lanna (FAU-USP)
coordenação: Prof. Dr. Eduardo Costa (EC e IFCH-UNICAMP)

1. Patrimônio ferroviário na cidade de São Paulo: a importância da linha Santos-Jundiaí para os bairros do Tamanduateí

Paloma Silva Viana (USJT / Programa PIVIC-USJT)
orientação: Profa. Dra. Andréa de Oliveira Tourinho (USJT)

2. Inventário das Arquiteturas do Patrimônio Cultural Ferroviário na Associação dos Municípios da Região Carbonífera - AMREC

Lays Juliani Hespanhol e Alice Bortoluzzi (UNESC / Bolsa PIC-SC)
orientação: Profa. Ms. Aline Eyng Savi (UNESC)

3. Chafarizes e a memória da escravidão em São Paulo

Artur Santoro (FFLCH-USP / Estágio em pesquisa Projeto Contracondutas - EC)
orientação: Profa. Ms. Amália Cristovão dos Santos (EC) e Prof. Dr. José Guilherme Magnani (FFLCH-USP)

4. Análise qualitativa da vila operária da Companhia Antártica Paulista

Denis Jesus Mignoli (USJT / Programa RIC-USJT)
orientação: Profa. Dra. Ana Paula Koury (USJT e IEB-USP)

5. Etnografia do canteiro e a cultura do trabalho escravo

Juliana Barbosa (FIAM-FAAM / Estágio em pesquisa Projeto Contracondutas - EC)
orientação: Prof. Ms. Pedro Lopes (EC), Profa. Ms. Amália Cristovão dos Santos (EC) e Prof. Dr. José Eduardo Baravelli (FIAM-FAAM e FAU-USP)

MESA 1

Território, planejamento e direito à cidade

comentário: Prof. Dr. Caio Santo Amore (FAU-USP)

coordenação: Profa. Dra. Marta Lagreca (EC)

1. Observa SP: potencializar a pauta do direito à cidade na política urbana de São Paulo através da comunicação

Caroline Nobre Taveira (FAU-USP /

Bolsa Cultura e Extensão USP)

Orientação: Profa. Dra. Paula Santoro (FAU-USP)

O projeto ao qual esta pesquisa de iniciação científica se insere, o ObservaSP, tem como objetivo analisar e monitorar políticas urbanas e intervenções urbanísticas implementadas através de instrumentos de transformação urbana, como Parcerias Público-Privadas ou concessões urbanísticas, contribuindo para o fortalecimento da sociedade civil organizada e suas redes através da qualificação do debate público em torno desses temas. Além disso, o projeto traz como desafio produzir conhecimento crítico a partir da sua rede de pesquisadores, que envolve, além do LabCidade na FAU-USP, equipes de outras instituições: em Belo Horizonte, os grupos indisciplinar e Praxis, ambos da UFMG; no Rio de Janeiro e em Fortaleza, pesquisadores da IPPUR/UFRJ e do Lehab/UFC, respectivamente. Assim, este projeto de iniciação colabora com apoio, produção de conteúdo e imagens que dão suporte a produção e disseminação de informações e conteúdos qualificados, por meio de ferramentas de comunicação como o Blog ObservaSP (observasp.wordpress.com), redes sociais como *Facebook* e *Twitter*, além de uma *newsletter* mensal. Com isso, e privilegiando o uso de linguagem acessível ao público não especializado, procura difundir informações para a sociedade em geral, fomentar

debates e fortalecer as perspectivas do direito à cidade na política urbana de São Paulo, de modo a contribuir para a formação de uma opinião pública capaz de influir no processo de tomada de decisão e implementação destas políticas. Esta pesquisa tem colaborado, inicialmente, com a definição dos temas que serão tratados nos textos semanais disponibilizados no blog e nas redes sociais, além de acompanhar a disseminação desse conhecimento. Como a pesquisa está diretamente ligada à acontecimentos que transformam a cidade, decide-se coletivamente qual será a melhor ferramenta para movimentar/informar a sociedade civil de acordo com o tema. Assim, a pesquisadora decidiu quais ferramentas gráfico-políticas alternativas podem ser exploradas para se conseguir acessar cada vez um número maior e mais qualificado de pessoas interessadas como vídeos curtos, animações, ilustrações, mapas interativos, etc. A pesquisa também preparou e disseminou o conteúdo de eventos acadêmicos, dialogando com professores, alunos e participantes externos. Para alguns destes foram disponibilizados, além de textos, os vídeos dos eventos na íntegra, diversificando a forma de disseminação dos conteúdos e ampliando o número de acessos. Além destes vídeos, mais longos, a equipe do projeto, incluindo esta pesquisadora, fez uma campanha através de um vídeo curto de animação, para explicar aos cidadãos os efeitos de uma Medida Provisória em debate no Congresso Nacional, a MP 700. Esta diversificação de linguagens - incluindo vídeos, animações, mapeamento dinâmico, ilustrações, entre outros - procurou estimular a criatividade e caminhou frente aos desafios de ampliar a comunicação direta com os cidadãos

2. Reflexos dos Planos Diretores nos indicadores de infraestrutura urbana dos municípios mineiros e paulistas

Juliana Manami Yoshida e Lucas Corrêa Maia Freitas (DAU-UFV / Bolsas PIBIC e FAPEMIG)
orientação: Prof. Dr. Tiago Augusto da Cunha (DAU-UFV)

A pesquisa investiga a correlação entre os Planos Diretores e a qualidade da infraestrutura urbana através dos preceitos da Lei Federal nº 10.257/2001, também conhecida como Estatuto da Cidade. Infere-se que o Estatuto foi determinante para o progressivo incremento da qualidade de vida urbana, conseqüente do desenvolvimento dos serviços infraestruturais básicos: rede de abastecimento de água, rede de coleta de esgoto, resíduos sólidos e energia elétrica. Pressupondo uma correlação direta e positiva entre ambas, entende-se que quanto mais tempo houver para a maturação de um Plano Diretor, melhor seria o acesso à infraestrutura básica. A Lei em questão entrou em vigor no dia 10 de outubro de 2001, fruto dos Art. 182 e 183 da Constituição Federal de 1988, sendo um de seus preceitos basilares o direito social da propriedade. Nesse contexto, o Plano Diretor socialmente inclusivo é uma das ferramentas indicadas para garantir o direito às cidades sustentáveis, e a infraestrutura, uma das benesses da urbanização que podem atuar para amenizar a desigualdade socioterritorial. Tendo em vista a implantação dos Planos Diretores, foi estipulado um prazo máximo de cinco anos após a aprovação da Lei, ou seja, até o dia 10 de outubro de 2006. Dessa forma, o recorte temporal adotado, de 2004 a 2013, contempla situações anteriores e posteriores ao prazo final de elaboração dos Planos, caracterizando a evolução da sua cobertura territorial e, da mesma forma, suas implicações nas condições de infraestrutura locais. Além disso, dois Estados diferentes foram selecionados como recorte territorial, para fins comparativos: Minas Gerais, devido aos seus indicadores, em geral, apresentarem similaridade à média nacional e São Paulo, por representar uma realidade mais urbanizada e populosa, onde boa parte dos municípios cumprem os quesitos da Lei 10.257/2011, fazendo com que os efeitos dos Planos Diretores nos indicadores de infraestrutura sejam possivelmente mais evidentes. Por fim, foi criado um índice de infraestrutura urbana (IIEU) que mapeia os domicílios particulares permanentes contemplados pelos serviços básicos, sintetizando-os através de uma média aritmética simples expressa em porcentagem.

Sendo assim, um dos principais objetivos dessa investigação é compreender se a implantação do Plano Diretor reflete no desenvolvimento da infraestrutura urbana, analisando o desenrolar de sua cobertura territorial e, para alguns casos, os desdobramentos de sua perenidade. Para tal, foram utilizados dados da Pesquisa de Informações Básicas Municipais - MUNIC, elaborada anualmente pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), onde apresenta a existência (ou não) de planos diretores nas cidades mineiras e paulistas no período de 2004 a 2013. Também foi utilizada a Malha Digital Municipal (MDM) do IBGE (sem escala, projeção cartográfica) para a criação de cartogramas. Compreender a correlação entre Planos Diretores e infraestrutura poderá elucidar a eficácia dos mesmos no combate à desigualdade socioterritorial. Algumas análises preliminares já demonstram baixa correlação entre os distintos âmbitos, evidenciando a existência de empecilhos para a aplicação dos Planos, reforçando processos de reprodução de desigualdades.

3. Considerações sobre o padrão de expansão da área urbana dos municípios mineiros.

Blanca Valadares Ferreira (DAU-UFV / Bolsa PIBIC)
orientação: Prof. Dr. Tiago Augusto da Cunha (DAU-UFV)

Os critérios de definição de áreas urbanas no Brasil são estritamente administrativos. Na maioria dos casos, a expansão das áreas urbanas não advém de uma real necessidade a fim de fazer frente às questões de adensamento populacional, controle do custo fundiário, déficit habitacional, entre outros. Na ausência de fundamentação técnica, o meio urbano torna-se o alvo de interesses espúrios de determinadas classes ao se transformar em mercadoria. Por certo, o resultado do padrão de crescimento urbano que floresce dessas bases é discutível, pois gera mais passivos do que os abranda. Não é exagero dizer que o solo se tornou um dos principais produtos comercializados pelos gestores municipais. Enfim, é tratado como produto simplesmente e não como bem ou direito coletivo e social. Por meio de dados do último Censo Demográfico observou-se a intensificação do processo de expansão da área urbana dos municípios brasileiros, ilustrado pelo incremento do grau de urbanização. Presume-se que, em grande medida, este processo de crescimento urbano manifestou-se através de um padrão de propagação disperso da malha urbana, regimes fundiários especulativos e segregação, sobretudo socioespacial, dado as

carências infraestruturais ainda abismais em diversas localidades brasileiras. Por outro lado, as taxas geométricas de crescimento populacional arrefeceram nas últimas décadas. Em outras palavras, a elevada variação positiva da área urbana não condiz com o crescimento populacional nestes mesmos municípios ao longo do período determinado. Nesse sentido, interessa ao presente estudo pesquisar a possível disritmia entre expansão urbana e dinâmica populacional, ao menos indicando processos de transformação de antigas áreas rurais em urbanas e as implicações deste crescimento desenfreado e não pautado. Para isso, elege-se o Estado de Minas Gerais como recorte territorial. Opta-se por ele por em geral apresentar valores - de diversos âmbitos - semelhantes à média nacional. Ademais, há uma pluralidade tipológica de municípios em Minas Gerais, desde regiões metropolitanas de destaque até um universo de pequenos municípios de menor expressão, onde a especulação fundiária pode estar emergindo com intensidade. Complementarmente, a década 2000-2010 é encarada como recorte temporal. Ela foi escolhida por motivos práticos: não há dados suficientes de décadas anteriores. A partir dela é possível comparar a situação de 120 dos 853 municípios mineiros. Será utilizada a variação da área declarada urbana dos municípios de acordo com os Censos Demográficos de 2000 e 2010, obtida por meio do cômputo da área total dos seus setores censitários segundo situação de domicílio (urbanos e rurais) em razão da sua área total. Logo, as ferramentas SIG serão essenciais para a elaboração deste exercício, particularmente o *software* ArcGis. A partir disso, pretende-se associar este primeiro dado a outros de caráter eminentemente demográfico, como: variação da população total, variação da população urbana e dos domicílios particulares permanentes urbanos ao longo do mesmo período, grau de urbanização e taxa geométrica de crescimento populacional anual. Espera-se que o presente estudo esclareça distintas realidades mineiras, aperfeiçoamento estratégias de planejamento local e regional.

4. As representações cartográficas oficiais e não oficiais sobre Belo Monte: uma comparação

Bruna Ribeiro e Maytê Coelho (IFSP e EC / Estágio em pesquisa Projeto Contracondutas - EC)
orientação: Profa. Dra. Marta Lagreca (EC), Prof. Dr. José Paulo Gouveia (EC) e Prof. Dr. Paulo Roberto de Albuquerque Bomfim (IFSP)

A Usina Hidrelétrica de Belo Monte é a terceira maior hidrelétrica do mundo, construída na bacia do rio Xingu, próximo ao município de Altamira, no norte do Pará. O projeto da concessionária Norte Energia S.A. é uma obra contida no PAC - Plano de Aceleração de Crescimento, programa do governo federal lançado em 2007, que visa a construção de obras de infraestrutura a fim de alavancar o desenvolvimento nacional, analogamente a planos anteriores no Brasil. Desde o início, tal projeto é acompanhado de controvérsias, principalmente atreladas a impactos socioambientais. Dentre estes, está a desterritorialização da população ribeirinha e indígena, impactando diretamente o modo de vida dessas comunidades, que já estão em condições vulneráveis, esquecidas e invisibilizadas por esse mesmo ideal de planejamento que prevê a construção dos grandes empreendimentos de infraestrutura. Além disso, há um grande contingente de trabalhadores para a construção deste empreendimento, oriundos de diversos estados brasileiros, gerando uma migração complexa e causando um inchaço na densidade demográfica dos municípios lindeiros à usina, com consequências como: o aumento da criminalidade, de denúncias de violência contra a mulher, de drogadição, exploração sexual, além da possível ocorrência de trabalho análogo ao escravo, um fator ligado a grandes obras da construção civil. Desse modo, a presente pesquisa busca compreender e ressaltar os processos geradores de conflitos sociais desencadeados pela construção de Belo Monte a partir de procedimentos cartográficos e textuais, entendendo que a representação do espaço é ao mesmo tempo produto da sociedade e indicador de como ela é impactada. A importância da cartografia veio da própria necessidade do indivíduo de reconhecer o espaço e representá-lo intencionalmente. Espaço este que contempla tanto as forças produtivas quanto as relações de produção, portanto além de espaço físico, arcabouço de matéria-prima, ele também se torna mercadoria, desse modo, demonstrando que a cartografia também revela as formas de construção social do espaço. Buscamos, através da análise de representações cartográficas oficiais e não oficiais, identificar suas convenções, perspectivas e período histórico. Descarta-se a premissa de neutralidade científica, observando o espaço além desta visão quantitativa, a partir de uma cartografia simbólica e real das relações sociais e culturais, pela ótica da análise das ausências, afim de compreender os processos ignorados ou ocultos nos levantamentos oficiais. Portanto, visamos discutir esta rede de impactos, criticá-los a partir de

uma representação cartográfica que busque representar a organicidade dos conflitos sociais gerados. A forma escolhida para a utilização deste espaço deixa ausente, propositalmente, intenções políticas, econômicas e sociais, carregando consigo o caráter simbólico do desenvolvimento moderno. Principalmente no presente estudo de caso, o qual está situado em uma região marcada pela carência de infraestrutura básica e por um ambiente de violência, gerado pela ocupação irregular do território, grilagem de terras, dentre outras mazelas as quais essa localidade foi condicionada em decorrência das políticas de planejamento implementadas no país

5. Conviver com o Semiárido: a arquitetura como uma ferramenta de apoio à resistência das comunidades sertanejas

Yuka Perdigão Ogawa (DAU-UFC)

orientação: Prof. Dr. Renato Pequeno (DAU-UFC)

Enfrentando a pior estiagem dos últimos 30 anos, diversas comunidades no sertão nordestino brasileiro estão vulneráveis e sofrem com a falta de água, sem a assistência técnica rural e os apoios governamentais necessários. Tal fator culmina em problemas sociais que atingem não só as regiões do campo, mas alastram-se também na esfera urbana. Um enorme contingente rural migra para cidades despreparadas e desprovidas de infraestrutura para o excedente populacional. A presente pesquisa visa investigar estratégias de convivência com o semiárido que busquem evitar os processos de êxodo rural, destacando o papel da arquitetura no contexto da reconstrução das comunidades sertanejas. Diante das diversas catástrofes naturais enfrentadas no cenário mundial, em muitos casos de maneiras devastadoras, os impactos gradativos que vêm sendo provocados pela seca que atinge a região semiárida brasileira desde o começo de 2012 não recebem a assistência necessária. A seca ou estiagem é um fenômeno climático inevitável, mas o processo de desertificação pode ser prevenido, entendendo esse termo tanto no âmbito da natureza quanto da sociedade rural e urbana. Assim, o trabalho tem como objetivo levantar estratégias de desenvolvimento de projetos infraestruturais para o contexto apontado, coletando um banco de dados de experiências e projetos implementados no sertão. A investigação de programas desenvolvidos por organizações como a ASA (Articulação Semiárido Brasileiro) - dentre eles a implementação de casas de sementes, bancos de mudas, hortas, cisternas e farmácias vivas - associado a um importante pro-

cesso de entrevistas e participação comunitária, culminarão em um produto arquitetônico final de infraestrutura que possa exercer um papel de mediador entre as populações afetadas e o acesso a tais infraestruturas.

MESA 2

Processo e projeto em arquitetura

comentário: Profa. Dra. Marta Bogea (FAU-USP)

coordenação: Profa. Ms. Maira Rios (EC)

1. Conceitos e procedimentos projetuais na obra de Peter Eisenman

Leandro Barros Nascimento (USJT / Programa PIVIC-USJT)

orientação: Prof. Dra. Maria Isabel Imbronito (USJT e FIAM-FAAM)

Peter Eisenman é um importante arquiteto estadunidense da segunda metade do século passado, considerado um dos mais intensos agitadores da crítica arquitetônica contemporânea e responsável por desenvolver uma nova postura disciplinar, tangenciada pelo experimentalismo de vanguarda e pela abordagem conceito-ficcional. Sua arquitetura, embasada na autonomia da forma e na supremacia do processo, busca ser atemporal, atonal, abstrata, atópica, arbitrária e sintática; ignorando em muitos casos as demandas do lugar, do tempo, do programa e do sujeito. Uma arquitetura não-clássica influenciada pelo anti-humanismo pós-estruturalista, expressa por ausências; e cuja maior relevância se encontra na aflição inovadora dos instrumentos tradicionais de legitimação do discurso arquitetônico e no estudo por novas estratégias de projeção, tais como a desconstrução e o processo diagramático. Esta pesquisa tem como proposta analisar a produção teórico-projetual de Peter Eisenman, bem como situá-la e estabelecer relações com os desdobramentos paradigmáticos das narrativas recentes da arquitetura. Trata-se de um trabalho bibliográfico e comparativo, subsidiado por textos críticos de autoria do próprio arquiteto e de outros autores da disciplina e ainda pela produção de diagramas explicativos, que servem de intermediadores na compreensão do discurso do arquiteto e sua realização prática por meio do projeto. A pesquisa está dividida em duas partes: (I) Contexto histórico, onde se faz uma breve análise do discurso arquitetônico desde as vanguardas modernas até as arquiteturas contemporâneas da linguagem, enfatizando as transforma-

ções na ideia de lugar, sujeito (arquiteto e usuário), forma e contexto; e (II) Conceitos e projetos, onde são selecionados vinte ideias canônicas que estruturam a obra do arquiteto estudado e as relaciona com dez projetos de sua autoria (construídos ou não), por aplicá-las ou discuti-las. São abrangidas três fases da carreira de Eisenman: Forma ou Casas seriadas (1968-1978); Memória ou Cidades de escavação artificial (1978-1988) e Evento ou Dobra (1988-atualmente).

2. O processo de projeto paramétrico e a experiência da arquitetura

Amon Christian Lasmar (UFSJ / Bolsa PIBIC-FAPEMIG)

orientação: Profa. Dra. Marcela Alves de Almeida (UFSJ)

A pesquisa de iniciação científica teve como objetivos: (1) Identificar práticas e metodologias de desenvolvimento de projetos paramétricos que são capazes de gerar arquiteturas menos determinadas e mais abertas à experiência espacial dos usuários; (2) Indicar possibilidades de estender e/ou transpor a lógica da parametrização, que ocorre no processo de geração da forma, aos espaços construídos; (3) Familiarizar-se com os sistemas computacionais paramétricos visando entender a lógica de funcionamento dos mesmos para o uso corrente em propostas de projetos; (4) Obter produtos por meio de investigações projetuais paramétricas a nível experimental que visem à condição da experiência espacial/estética do usuário no espaço construído; e, (5) A criação de um blog para a divulgação dos resultados da pesquisa (<http://geometriasativas.tumblr.com/>). A metodologia utilizada foi organizada em duas etapas: (E1) investigação teórica - que se refere à realização de uma revisão bibliográfica para introdução e compreensão do tema abordado utilizando de materiais como livros, artigos acadêmicos, de revistas, dissertações, teses, web sites de arquitetura e design; criação de um banco de dados a partir de uma pesquisa inicial na internet para seleção de escritórios e projetos paramétricos executados do qual foi feita uma seleção de trinta projetos relevantes para investigação a respeito do processo de criação realizado pelo escritório responsável; e (E2) investigação prática - que se refere à realização de exercícios básicos práticos para a compreensão e entendimento de modelagem paramétrica; neste caso optou-se pelo software de modelagem digital Rhinoceros em conjunto com o *plugin* Grasshopper; e, por fim, a concepção de dez propostas projetuais

paramétricas experimentais. Dos resultados obtidos, conclui-se que dos processos projetuais paramétricos analisados e dos parâmetros gerais de trabalho mencionados nos memoriais dos projetos apresentados pelos arquitetos responsáveis, todos podem ser caracterizados como um exercício intensivo de criação em busca de composições geométricas complexas e inovadoras aliado a um bom discurso midiático. Uma busca incessante por produtos formais criativos e fortemente imagéticos. Sobre a questão da experiência da arquitetura nos trinta projetos selecionados (projetos de Zaha Hadid Architects, Coop Himmelblau, Gehry Partners, Foster + Partners, UNStudio, HHDFUN e Mad Architects), pode-se dizer que a experiência desta “arquitetura inquieta” está vinculada a condição do despertar de sensações nos corpos humanos presentes, como de estranhamento e/ou deslumbramento, ao se adentrar em espacialidades que aparentemente induzem a algum tipo de movimento e composição distorcida e também ao visualizar na paisagem urbana um corpo arquitetônico diferente, com uma composição duvidosa, diferente do habitual, estranha: um tipo apenas de experiência imagética da arquitetura. Além disso, com a realização experimental dos dez ensaios projetuais foi possível determinar um caminho para o exercício do projeto paramétrico crítico. O exercício consistiu em buscar identificar e estabelecer vários diálogos com as possíveis escalas presentes no sítio de intervenção com o objetivo de proporcionar novas espacialidades que sejam muito mais do que funcionais, que possibilitem a experiência espacial/estética do corpo humano sem abrir mão da criatividade e da alta tecnologia e que ao mesmo tempo respeite a identidade e memória do lugar.

3. O desenho e os processos de produção da arquitetura: os projetos do acervo de Ícaro de Castro Mello

Glauber Triana Chacra e Sofia Villela Borges (EC / Bolsas PE - Conselho Científico EC)

orientação: Prof. Ms. Fábio Mosaner (EC)

A pesquisa pretende investigar os processos de produção da arquitetura através da análise dos desenhos de projetos do acervo do arquiteto paulista Ícaro de Castro Mello (1913-1986). O que move nosso interesse é estudar a produção da arquitetura sob a perspectiva do ofício da profissão, dos modos de trabalho, das escolhas técnicas envolvidas e das diferentes relações do arquiteto com a produção da obra. Os desenhos são documentos

centrais para o estudo deste campo do conhecimento e exigem desenvolvimento e aplicação de metodologias específicas de análise. Esta pesquisa está inserida no contexto de uma crescente linha de pesquisas acadêmicas no Brasil que procuram delinear especificidades e metodologias para o estudo do projeto de arquitetura. Por se tratar de Pesquisa Experimental, pretendemos recorrer a algumas metodologias de estudo aplicadas nas recentes pesquisas acadêmicas neste campo, principalmente as metodologias que extrapolam a produção textual, como análises gráficas, re-desenhos dos projetos, produção de modelos eletrônicos e maquetes.

4. Arquitetura de usuários

Tatiane dos Santos Vidal (Belas Artes SP / Bolsa IC - Belas Artes SP)

orientação: Prof. Dr. Ademir Pereira dos Santos (Belas Artes SP e UNITAU)

A pesquisa desenvolvida tem como base relatos de arquitetos e urbanistas que se envolveram na área que mais se aproxima do usuário; Hassan Fathy, Hundertwasser, Paulo Bicca, Charles Jencks, Joan Villá e o próprio movimento *Do it yourself* são alguns autores estudados. Podemos encontrar na teoria e na história da arquitetura autores que questionam o arquiteto como o profissional exclusivo e mais indicado para ser o responsável por todo o processo de se conceber um projeto e executá-lo. Há aqueles que dizem que a participação do usuário é um fator significativo e até mesmo essencial para se conseguir um projeto íntegro no que diz respeito ao seu potencial. E existem aqueles que defendem a ideia de regressar às nossas origens, quando o Homem produzia a arquitetura de forma espontânea (conhecida como arquitetura vernacular), como se fazia muito antes do surgimento da figura do arquiteto. Afinal, qual a postura que os arquitetos e urbanistas devem adotar perante tamanha crise habitacional, educacional, social, da saúde, econômica, e ética que a sociedade está vivendo, levando em consideração que tais profissionais são capazes de decidir e até mesmo influenciar na definição desse quadro tão discrepante? Podemos dizer que o nosso objeto de estudo monográfico é o próprio ser humano e como este se relaciona com a produção do espaço. Será que é suficiente a exclusiva responsabilidade deste profissional, ou não seria conveniente e necessária a participação direta e a vivência daquele a quem o próprio projeto se destina? O arquiteto egípcio Hassan Fathy (1900-

1989) foi um dos primeiros a não importar ideologias arquitetônicas do Ocidente. Ele reconhecia a arquitetura tradicional como resposta e uma sábia fonte de técnicas e formas adequadas àquele meio cultural e material, resultante de soluções encontradas pela população para adaptarem-se ao contexto no qual estavam inseridos. Ele apropriava-se desse conhecimento milenar, os aplicava e traduzia em uma arquitetura correspondente ao seu tempo. Outro autor estudado é o artista austríaco Friedensreich Hundertwasser (1928-2000), que ganhou destaque na década de 1950 por sua produção peculiar, que chegou a ser comparada a de Antonio Gaudí. Suas obras carregavam um posicionamento ideológico muito forte e se tornaram provas vivas de seus manifestos, nos quais ele desenvolveu uma concepção impactante sobre a relação do ser humano com o meio em que se encontra. Acreditava que cada um de nós deveria ser responsável pela construção da própria habitação e defendia que a presença da natureza e sua essência orgânica era extremamente importante para nos proporcionar qualidade de vida. Estas duas breves apresentações apontam para visões distintas sobre o ato arquitetônico. Perspectivas diversas foram estudadas, mas um traço marcante percebido foi a estreita relação que deve haver entre o “profissional” (arquiteto) e o “leigo” ou usuário, para que se atinja um grau adequado de satisfação. O estudo contempla manifestos, projetos, obras e até mesmo sistemas construtivos cuja metodologia contemple a participação e o conhecimento técnico do usuário/leigo como aspecto essencial da identidade necessária entre usuário-produtor e a arquitetura.

5. A historicização do pensamento inclusivo - uma análise histórica da inclusão de pessoas com deficiência física por meio de uma arquitetura acessível

Julia Lara Bayma de Souza Lima (EC / Bolsa IC - Conselho Científico EC)

orientação: Prof. Ms. Pedro Lopes (EC)

O projeto de pesquisa proposto pretende abordar em uma perspectiva histórica as barreiras e conquistas do movimento de pessoas com deficiência no Brasil, dando prioridade à análise do discurso da acessibilidade e inclusão. Procura-se sobretudo discutir os desdobramentos da luta por acessibilidade dentro do campo da arquitetura, de forma a compreender como esta reage e se transforma com o tempo em paralelo aos desenvolvimentos das conquistas das pessoas com deficiência no campo

da acessibilidade. Para tanto é necessário compreender alguns conceitos sobre deficiência que mudaram a forma de se lidar com essas questões. Para isso a pesquisa parte dos trabalhos da escritora Débora Diniz e o seu livro *O que é Deficiência* e de Romeu Sasaki, pesquisador há 40 anos da área de acessibilidade. Além disso se entende necessária a análise da aplicação prática destes conceitos para a arquitetura, e, portanto, propõe-se a análise de duas obras contemporâneas da arquitetura brasileira, que tenham relevância no contexto arquitetônico e de acessibilidade. O objeto da pesquisa é fornecer uma coleta de dados históricos sobre o tema, entendo que ainda há muito silêncio sobre a questão da acessibilidade no campo da arquitetura. A intenção é trazer para a discussão da arquitetura do século XXI o debate recente acerca do Desenho Universal, em conjunto com uma análise crítica de como arquitetos se posicionam acerca da questão desde o início de seu debate em 1950 até hoje.

MESA 3

Memória e cidade

comentário: Profa. Dra. Sabrina Studart Fontenele (CPC-USP e IFCH-UNICAMP)

coordenação: Prof. Ms. Fábio Mosaner (EC)

1. Inventário do patrimônio cultural de Limeira-SP

Matheus Januário da Silva (FIEL / Bolsa PAPIC-FIEL)

orientação: Prof. Dr. Marcelo Cachioni (FIEL) e Profa. Ms. Juliana Binotti Scariato (FIEL)

Inventário é um instrumento de proteção do patrimônio cultural, reconhecido na Constituição Federal em conjunto com o tombamento e o registro, como instrumento de tutela. Trata-se de minuciosa pesquisa de identificação e descrição de bens culturais, utilizando critérios técnicos, históricos, sociais e artísticos, permitindo a catalogação das principais características físicas e culturais. Apresenta-se como meio eficaz de proteção, já que as informações detalhadas recolhidas e catalogadas servem de parâmetros para futuras intervenções no bem. Caracteriza-se também como uma das mais antigas formas de proteção do Patrimônio Cultural em nível internacional, havendo registros desde o século XIX na França como medida de proteção de seus bens culturais e recomendada pela Carta de Atenas. Enquanto o tombamento normalmente tem como objetivo a salvaguarda de

bens considerados notáveis, o inventário tem alcance mais amplo, podendo ser utilizado para a proteção de bens culturais mais singelos, que guardam elementos identitários de uma época, comunidade ou lugar, reconhecendo o valor cultural de um bem e sua importância para a coletividade, visando sua preservação. Apesar de normalmente realizado pelo Poder Público, esta prática não vem sendo realizada no município de Limeira-SP. Por meio do curso de Arquitetura e Urbanismo das Faculdades Integradas Einstein de Limeira, a experiência vem sendo cumprida por meio da disciplina Técnicas Retrospectivas, na qual os alunos realizam o exercício de inventariamento. Também, no âmbito do Programa de Iniciação Científica da instituição, doze alunos realizam o inventariamento de bens imóveis no município desde agosto de 2015. O grupo foi dividido em três equipes com o objetivo de levantar dados históricos, fotografar e desenhar os bens que compõem as fichas de inventário. Os principais objetivos do trabalho são: identificar e documentar os bens; cadastrar e sistematizar as fontes documentais, bibliográficas e cartográficas, para incentivar a pesquisa histórica e iconográfica e possibilitar a produção de estudos técnicos e autorais dos alunos do curso; compreender o contexto histórico e social dos bens e avaliar como se encontra a área estudada; preservar imagens e informações de imóveis que eventualmente virão a desaparecer; envolver os alunos nos levantamentos de campo a fim de apreender os sentidos e significados atribuídos ao patrimônio cultural e introduzir as discussões acerca dos processos de descaracterização; subsidiar a implantação de uma Política de Educação Patrimonial adequada ao município de Limeira; entregar o produto final do inventário ao conselho municipal, com o objetivo de subsidiar as ações de preservação; publicar, em meio impresso e digital, parte de seu conteúdo para conhecimento do grande público. A elaboração compreende: levantamento e identificação dos bens; levantamento de campo dos bens identificados e selecionados; pesquisa histórica e arquitetônica; organização sistemática das fichas; listagem final dos bens inventariados; mapeamento dos bens; preenchimento da ficha de cada bem inventariado com informações relativas à designação, localização, propriedade, responsável, autoria, época, materiais, marcas, legendas, situação de ocupação, análise do entorno, histórico, descrição, caracterização (técnica, estilo e iconografia), usos, proteções legais existentes, análise do estado de conservação, fatores de degradação, medidas de conservação e

intervenções realizadas, além de documentação fotográfica.

2. Memórias de Parelheiros: reconhecendo as referências culturais da colonização alemã

Leila Silva de Souza (USJT / Programa PIVIC-USJT)
orientação: Profa. Dra. Andréa de Oliveira Tourinho (USJT)

Parelheiros é um distrito da cidade de São Paulo que se localiza no extremo sul da capital e caracteriza-se por muitos contrastes devido à sua ocupação por diferentes culturas. Porém sua característica significativa deve-se colonização alemã e recebeu esse nome devido às corridas de cavalos (Parelhas) entre os alemães e os brasileiros. Não existe nenhum patrimônio cultural reconhecido oficialmente pelos órgãos de preservação do patrimônio, exceto por sua cratera, situada em área de proteção ambiental. Talvez, por esse motivo, a maior parte dos estudos na região refere-se à sua geomorfologia e seus problemas sociais. Existem poucos estudos sobre o tema referências culturais, e a maior parte do material escrito refere-se a artigos, reportagens e comentários disponíveis na internet. A pouca divulgação sobre o tema e o desconhecimento por parte da população são aspectos negativos, que podem vir a ser remediados com estudos de maior divulgação. Além disto, falta uma visão integrada do tema, que concilie os aspectos históricos, sociais e ambientais envolvidos na preservação do patrimônio daquela área. Desta forma, a pesquisa pretende contribuir com uma visão integrada destes aspectos visando à identificação dos lugares de memória da colonização alemã em Parelheiros buscando trabalhar fora do paradigma de se reconhecer um edifício ou lugar como patrimônio apenas pelas suas características construtivas ou arquitetônicas, mas adicionalmente identificar e reconhecer as referências culturais para a proteção das memórias daquele grupo.

3. Avenida Rio Branco: transformações e permanências em sua história urbana (Rio de Janeiro, 1960 a 1989)

Andréia Feitoza de Oliveira
(FAU-USP / Bolsa FAPESP)
orientação: Profa. Dra. Flavia Brito do Nascimento (FAU-USP)

A presente pesquisa tem como objetivo mapear a transformação urbana da Avenida Rio Branco, localizada na área central da cidade do Rio de Janeiro, entre os anos de 1960 e 1989, isto é, entre

a década de mudança da Capital nacional para Brasília e o período de redemocratização. A Avenida é símbolo das forças republicanas e a imagem de modernidade buscada na época de sua construção no início do século XX, sob a administração do Prefeito Pereira Passos. Contudo a imagem construída foi substituída por outras com o passar do tempo, através da construção dos arranha-céus e de outras linguagens arquitetônicas. Por meio do levantamento de informações das edificações e das ações urbanísticas, em relação às suas datas (construção e demolição), seus arquitetos, as políticas urbanas, as transformações e os agentes sociais e jurídicos envolvidos, pretende-se mapear essas mudanças visando a realização de uma cronologia construtiva da Avenida. Sendo assim, pretende-se compreender parte dos processos de transformação urbana, problematizando a renovação do espaço urbano e buscando entender o quanto a Avenida foi transformada nesse período. Para aprofundar o escopo da pesquisa serão utilizadas diversas fontes, tais como imagens fotográficas, cartografia, planos urbanísticos, documentos textuais, teses, artigos e periódicos consultados em instituições públicas e privadas da cidade de São Paulo e do Rio de Janeiro. Estas informações serão organizadas com o auxílio de tabelas Excel e do *software* livre de georreferenciamento QGIS, o qual utiliza da linguagem SIG (Sistema de Informação Geográfica).

4. A Praça XV do Rio de Janeiro: transformação urbana na segunda metade do século XX

Laís Miki Inoue Nagano
(FAU-USP / Bolsa PIBIC-CNPq)
orientação: Profa. Dra. Flavia Brito do Nascimento (FAU-USP)

A pesquisa tem por objetivo principal compreender os processos de transformação urbana na Praça XV de Novembro do Rio de Janeiro na segunda metade do século XX. Iniciando o período foco da pesquisa, a construção em 1956 da Avenida Perimetral, via elevada que contornaria o centro do Rio de Janeiro no seu limite com a Baía de Guanabara, afetou duramente a Praça XV, comprometendo a fruição de seus espaços bem como sua relação visual com a o mar. Durante o período da ditadura civil-militar, importantes alterações nela foram realizadas, como a construção de edifícios comerciais de mais de dez pavimentos sobre as edificações históricas, caracterizando um processo de consolidação de um centro financeiro e de serviços bem como do início de uma afirmação como um

polo cultural. A reação a tais processos de descaracterização levou às políticas de preservação dos anos 1980 e início dos anos 1990, como as do projeto do Corredor Cultural e tombamento da Praça XV pelo IPHAN, de forma a tentar conciliar os espaços existentes com o crescimento da cidade. Atualmente, poucos estudos trataram da transformação da cidade no período da ditadura e dos projetos viários e urbanísticos que se realizaram nas décadas de 1960 e 1970, ou seja, do processo de preservação nas dimensões sociais, culturais e urbanas na sua relação com as mudanças físicas da cidade. Sendo assim, somando o fato da Praça XV possuir grande significado na historiografia, a pesquisa possui caráter inédito por estudar a transformação urbana em suas imediações nesse período e como ela foi tratada pelo poder público, quais as proteções incidiram sobre ela e como os edifícios foram mudando de feição, permitindo o entendimento no que se refere à abertura de novos acessos, aterros, demolições e grandes obras públicas. O estudo dessas mudanças está sendo realizado por três eixos principais. Primeiro, com a compreensão das políticas de preservação na região central do Rio, através de pesquisa e leitura de referências textuais, documentais e legislativas. Além disso, foi realizada a identificação, por meio da cartografia e iconografia, das transformações na Praça XV e nas edificações de sua envoltória, majoritariamente, de lote e de gabarito, realizando-se uma espécie de acervo. Como resultado, está sendo finalizado o mapeamento cartográfico da evolução em linguagem SIG (Sistema de Informação Geográfica). Os mapas gerados são de três períodos relevantes (1953/antes da Perimetral, 1975/depois da implementação da Perimetral e 2015/processo de demolição da Perimetral) e retratam a própria evolução urbana, verticalização, tombamento, uso do solo e cronologia construtiva. Como detalhamento desses mapas, estão sendo geradas algumas vistas a partir da praça, bem como mapas mais específicos acerca da legislação, principalmente os planos de alinhamento em seu entorno imediato. O uso de programas na linguagem SIG na área do patrimônio cultural vem crescendo como ferramenta de estudo, e, neste caso, os mapeamentos são fundamentais para a compreensão dos processos sociais e transformações urbanas no conjunto urbano da praça, sendo um resultado gráfico de uma pesquisa que conta também com embasamento teórico e iconográfico.

5. Buenos Aires: memórias de dor na paisagem urbana

Rebeca Lopes Cabral (EC / Bolsa FAPESP)
orientação: Profa. Dra. Marianna Boghosian Al Assal (EC)

A pesquisa estuda as relações dinâmicas e muitas vezes conflituosas que história e memória estabelecem com o espaço urbano. Constituem o objeto central desta pesquisa as memórias relacionadas à violência de Estado argentina referentes à última e mais violenta ditadura vivida pelo país, entre os anos 1976 e 1983. Com o fim da ditadura, os lugares de memória coletiva relacionados às violências de Estado foram reivindicados enquanto provas jurídicas, espaços de significados políticos e simbólicos. Nesse contexto, disputas entre os diferentes grupos da comunidade deram origem à diversas formas de representações espaciais dessa memória de dor. Para olhar esta questão, o estudo conforma-se em duas frentes: a primeira atenta-se à conformação dos percursos e caminhos que formam uma topografia da dor na capital argentina; a segunda aproxima-se de um desses lugares, o *Parque de la Memoria - Monumento a las Víctimas del Terrorismo de Estado*. Objetiva-se, assim, compreender como essas memórias dolorosas foram social e espacialmente construídas e representadas a partir e através da cidade de Buenos Aires.

MESA 4

Modos de habitar

comentário: Profa. Dra. Glória Kok (MAE-USP e EC)
coordenação: Prof. Ms. Pedro Lopes (EC)

1. Casa-Aldeia: microcosmo

Thiago Benucci (EC / bolsa FAPESP)
orientação: Prof. Dr. Pedro Cesarino (FFLCH-USP)

Constitui o objeto central dessa investigação as diversas formas de habitar e construir a casa yanomami vista através de reflexões e estudos sobre a sóciocosmologia yanomami. Essencialmente, pretende-se demonstrar como a casa e a arquitetura yanomami transcendem aspectos puramente formais, físicos, materiais, climáticos e tecnológicos. Neste sentido, procura-se ensaiar sobre dimensões outras que a arquitetura yanomami atinge e dialoga, desde as relações entre a casa e aspectos da organização social e ritual yanomami, passando pelas relações e intersecções entre a casa e o xamanismo, até as relações entre a casa terrena e as múltiplas casas nos diversos patamares do cosmos yanomami. Através deste estudo, a dimensão que a casa ocupa no pensamento yanomami

se desdobrou para contornos outros, extrapolando a dimensão física e atingindo outros níveis conceituais, visíveis e invisíveis, do corpo ao cosmos. Mostrando-se assim para além da construção, uma noção essencial. Desta maneira, pretende-se estruturar uma multiplicidade de assuntos, conceitos e problemas relacionados ao tema da casa e da arquitetura yanomami. Além disso, vem sendo construída uma rede de referências, comparativos e paralelos constituída de outros exemplares de arquitetura ameríndia, especialmente em território sul-americano e brasileiro, a fim de buscar semelhanças e diferenças estruturais, formais ou conceituais entre a casa yanomami e as diversas outras habitações estudadas. Pretende-se assim contribuir para o aprofundamento dos estudos das habitações indígenas através de um estudo interdisciplinar, aproximando os campos da arquitetura e da antropologia, sobre os aspectos socioculturais que agem na produção e concepção do espaço e da casa desta sociedade. Vale dizer, para concluir, que o Trabalho de Conclusão a ser realizado neste último semestre de graduação na Escola da Cidade concretizará, em forma de ensaio teórico, o estudo acerca da arquitetura e da noção de casa entre os Yanomami, a partir do extenso referencial teórico-bibliográfico construído e consolidado durante a pesquisa “Casa-aldeia: microcosmo”. Neste sentido, o Trabalho de Conclusão desdobra-se como uma possibilidade tanto de dar continuidade a esta investigação quanto de consolidar e concretizar a reflexão construída.

2. A configuração física e simbólica dos espaços domésticos segundo Gilberto Freyre

Gabriella Gonçalves

(EC / Bolsa IC - Conselho Científico EC)

orientação: Profa. Dra. Joana Mello

(EC e FAU-USP)

Percorrer o universo doméstico é percorrer as entranhas que orientaram as decisões não só técnicas para a sobrevivência sob o clima externo mas também sob as decisões feitas para nos proteger contra tudo que não se assimile a ideia de útero. Por mais anônimo e carregado de interesse em solucionar problemas técnicos que seja os atos na construção da habitação, eles são carregados de intencionalidades de proteger o que é mais intrínseco - por mais que o ato seja no princípio funcional, ele carrega o desejo também de guardar a alma humana. Apesar do caráter não conclusivo e muitas vezes passional de dissertar de Gilberto Freyre, o autor foi escolha central para a aproxi-

mação à influência que os espaços tiveram na formação do brasileiro e como as condições econômicas e sociais que nos moldaram agiram sob o desenho de nossa arquitetura do período da colônia até começo do XX. O autor também foi fundamental para o tema porque Freyre não se atém somente ao plano funcional e técnico da arquitetura da casa brasileira como reflexo das mudanças no país, mas também a questões de cunho subjetivo: o desenho de certos ambientes mudava em razão de desejos de controle, pressões hierárquicas dentro da casa e para proteger os bens de uma família patriarcal. Freyre dá então essa dimensão: de que as mudanças plásticas dos ambientes muitas vezes não estão subordinadas a questões técnicas, concretas e visíveis somente. Muitas delas são explicadas pelos desejos de cobiça, ego e poder de seus habitantes. Isso porque a casa é, na verdade, o centro mais importante de adaptação do homem ao meio e que por isso a habitação a ser construída tem que refletir o oposto do clima inóspito exterior. Entender as escolhas tomadas para a construção da habitação do brasileiro é também conhecer o indivíduo que nela habita, sua intensa formação patriarcal e semipatriarcal que ainda continua atuar sobre ele em varias regiões menos afastada, é um tipo social em quem a influência da casa se acusa em traços de maior significação. Ou seja, entender a casa descrita por Freyre é entender o indivíduo que mora nela sem deixar de ter em vista que o ambiente e o indivíduo são dois componentes que se relacionam entre si e influenciam um ao outro. Elementos de ordem política, social, técnica, climatológica e psicológica desenham os ambientes internos da habitação assim como o indivíduo - que também fora constituído parte pelo meio - age na configuração plástica dos espaços. Adotada a casa como ponto de partida analítica na obra Freyriana, palco onde se materializou as irreconciliáveis polaridades do sistema patriarcal e espaço para o seu amaciamento e mediação, na casa se irradiaram modelos de comportamento, comandos, símbolos e, sobretudo, relações sociais, a casa configura material e simbolicamente a base da sociedade. Tendo em vista que “(...) os indivíduos são formados subjetivamente através de sua participação em relações sociais mais amplas; e, inversamente, os processos e as estruturas são sustentados pelos papéis que os indivíduos neles desempenham” (HALL, 2011, 30) a pesquisa visou compreender como a casa (entendida como habitat e lugar de estabilização psíquica) contribuiu para a formação do indivíduo e como os elementos sociais exteriores a ela influen-

ciou em sua organização. Trata-se, portanto, de enfrentar, como fez Freyre, as esferas histórico-sociais e o indivíduo nas suas inter-relações.

3. O Morar Moderno: o processo de transformação do espaço da casa e da vida doméstica pela revista *O Cruzeiro*

Beatriz dos Santos Alves Ventura Fernandes
(FAU-USP / Bolsa FAPESP)

orientação: Profa. Dra. Joana Mello
(EC e FAU-USP)

A pesquisa procurou avaliar o papel da imprensa na divulgação dos preceitos da arquitetura moderna entre o público leigo nos anos 1950, focalizando na leitura da revista ilustrada brasileira *O Cruzeiro*. Interessava investigar em que medida tais preceitos encontravam ecos na sociedade brasileira dos anos 1950 e, portanto, como as mudanças sociais em curso e nos padrões de domesticidade podem explicar a sua aceitação por um público mais amplo de clientes privados. Para tanto, foram analisados 132 exemplares da revista - referentes a cada mês do período entre janeiro/1950 e dezembro/1960 e disponíveis no acervo da Biblioteca e Centro de Documentação do MASP - registrando-se os conteúdos dos mesmos em tabelas com os seguintes temas: papel da mulher; funcionalidade e racionalidade no uso e organização dos espaços; praticidade dos objetos e relação com a máquina; sugestão de materiais ou técnicas construtivas; sociabilidade doméstica; e representação da arquitetura. Paralelamente, textos de apoio permitiram a compreensão do contexto histórico-cultural e arquitetônico e o entendimento dos papéis da mulher e da imprensa na sociedade da época, auxiliando na problematização do material da revista. Tal metodologia revelou que a principal contribuição da revista à divulgação da arquitetura e domesticidade modernas se deu através de reportagens sobre arquitetura moderna brasileira, colunas sobre comportamento feminino e cuidados com a casa, além de propagandas de eletrodomésticos, móveis, utensílios domésticos e materiais para construção e reforma. Os eletrodomésticos aparecem com destaque, com diferentes produtos e opções de marca para auxiliar na realização das tarefas da cozinha e de limpeza da casa. Os aparelhos prometiam economia de tempo e esforço e maior qualidade nos serviços, chegando até mesmo a ser apresentados como equivalentes às empregadas domésticas. Concluiu-se que a revista *O Cruzeiro* contribuiu para a promoção de um estilo de vida metropoli-

tano e para a formação de um repertório moderno que contemplava a preocupação com a economia e a flexibilização dos espaços; a mecanização das tarefas domésticas e configurações menos formais de sociabilidade, que apontaram o período como um momento de transição de padrões estéticos e de comportamento. Embora possa se considerar uma contribuição da revista à modernização da casa e da domesticidade, é importante apontar que sua influência diz respeito sobretudo a classes médias e altas de São Paulo e Rio de Janeiro, não refletindo portanto o todo da população brasileira. Além disso, há contradições nesse processo de modernização, como por exemplo, a presença ainda extensiva de empregadas domésticas e a reafirmação de valores tradicionais relativos à família e ao papel da mulher.

4. Cidade habitada: percepções dos meios de habitar o Conjunto Habitacional Jardim Edite

Ana Flávia de Siqueira Simão

(SENAC / Bolsa SENAC)

orientação: Prof. Ms. Ricardo Luis Silva (SENAC)

A “Cidade Habitada”, que dá nome a este projeto, está inserida na linha de pesquisa “Cidade Mapeada”, do programa de Iniciação Científica do Senac. Trata-se de questões, ainda em desenvolvimento, do habitar coletivo, estudado a partir do Conjunto Habitacional Jardim Edite, situado na Zona Sul da cidade de São Paulo. As maneiras de atuação do corpo humano sobre o espaço, nas diferentes épocas e em diferentes lugares, originam o habitar, diretamente relacionado com o surgimento da existência do homem na Terra. Estabelece-se então uma relação entre o habitante e o lugar habitado, uma experiência afetiva, na qual o homem domestica o espaço, e em que as maneiras de se habitar tornam-se parte da essência do seu ser e demonstram sua identidade, mais do que ato de apenas morar. A arquitetura tem papel fundamental nesta ação, uma vez que abriga esse habitar. O habitar coletivo, mais complexo e presente nas cidades contemporâneas, se dá por meio de uma arquitetura que atende as questões estruturais de moradia atrelada às vivências de seus moradores, agora habitantes. O objeto de estudo proposto, um conjunto habitacional, é um elemento significativo da cidade contemporânea pois reúne elementos como a habitação unifamiliar e equipamentos públicos, como uma creche, um posto de saúde e um restaurante escola, que propiciam melhores condições para o habitar. Diante de uma ação tão simples do cotidiano do homem e tão cheia

de significados tanto para ele quanto para o meio em que habita, o entendimento dessas relações afetivas com o espaço contemporâneo foi embasado pelas teorias de quatro autores selecionados: Martin Heidegger (1889-1976), filósofo alemão considerado um dos principais pensadores da fenomenologia; Christian Norberg-Schulz (1926-2000), arquiteto, autor, professor e teórico de arquitetura; Juhani Pallasmaa (1936-), arquiteto, professor e pesquisador; e Friedensreich Hundertwasser (1928-2000), artista austríaco, conhecido como o pintor-rei das cinco peles. A forma de escrita destes autores permitiu a seleção de palavras que dão significados específicos ao habitar, como o “resguardo” e o “espaço-entre”, de Martin Heidegger, “paisagem” e o “assentamento”, de Christian Norberg-Schulz, entre outras selecionadas que formam um glossário singular, e que serão identificados posteriormente no objeto habitado escolhido.

5. Relato de ocupação: moradia e imaginário a partir do Hotel Cambridge

Bárbara Fernandes e Fernanda Colejo
(EC / Bolsas PE - Conselho Científico EC)
orientação: Prof. Dr. Gilberto Mariotti (EC)

Admitindo desde o princípio a organicidade e incertezas presentes na Ocupação no Hotel Cambridge na região central da cidade de São Paulo, coordenada pela FLM (Frente de Luta por Moradia), o trabalho é o resultado de uma coletânea de registros, relatos e reflexões da experiência vivida pelas pesquisadoras durante os dez meses de estudo. Inicialmente a pesquisa se desenvolveu a partir de visitas à ocupação transcritas em relatos produzidos separadamente entre as duas pesquisadoras. Tal formato pluralizou a discussão sobre as circunstâncias do lugar em determinado recorte no tempo - os dias de visita - alimentando a percepção do local para o desenvolvimento do trabalho. A própria dinâmica da pesquisa, ao se colocar suscetível ao encadeamento de eventos da ocupação, fez com que a cada ida o olhar sobre a mesma fosse se transformando, questionando e redirecionando as ideias iniciais da pesquisa, bem como os próprios relatos. Um fato importante para a FLM e que influenciou diretamente no andamento da pesquisa foi o denominado Abril Vermelho, quando numa madrugada dezesseis imóveis sem função social na cidade foram ocupados. Tais ocupações são um ato de denúncia que revelaram a quantidade de edifícios vazios na cidade, principalmente no centro, e o descaso do poder público em relação a questão habitacional da cidade, mostran-

do também à sociedade a existência de um movimento altamente organizado em busca do direito à moradia, mesmo que a mídia de alta circulação reporte uma visão tendenciosa sobre os fatos, principalmente chamando-os de invasão. Assim progressivamente a esfera coletiva do movimento se tornou cada vez mais predominante no trabalho, aproximando-se da líder Carmen Silva, culminando em uma conversa que evidenciou em seu discurso os conceitos e práticas políticas na ocupação, vivenciados ao longo da pesquisa. Juntamente às visitas, a pesquisa contou com um embasamento bibliográfico (contendo livros e filmes) apoiando questões notórias do período de vivência com o movimento. O texto “O Narrador” de Walter Benjamin foi fundamental para o desenvolvimento da pesquisa, uma vez que se optou por vivenciar a ocupação através de visitas, relatando as experiências espacial e social que tivemos; “Ideologia” de Terry Eagleton e “A Invenção do Cotidiano” de Michel de Certeau, que fomentaram a discussão sobre o discurso político da luta por moradia e a espacialização do mesmo.

MESA 5

Projeto, pressupostos e técnicas construtivas

comentário: Prof. Dr. José Eduardo Baravelli
(FIAM-FAAM e FAU-USP)
coordenação: Profa. Dra. Joana Mello
(EC e FAU-USP)

1. Concepções espaciais e práticas pedagógicas: análise de obras arquitetônicas referenciais no ensino público paulista

Miranda Zamberlan Nedel
(IAU-USP / Bolsa FAPESP)
orientação: Prof. Dr. Givaldo Luiz Medeiros
(IAU-USP)

Intrinsicamente associada à consolidação e difusão das premissas modernas em São Paulo, a arquitetura escolar pública reúne diversos exemplos em que as concepções espaciais promovem novas possibilidades de relações sociais e de formação. Aborda-se os edifícios de ensino segundo a relação entre arquitetura e concepção pedagógica, compreendendo a condição espacial como elemento determinante na constituição de um ambiente educacional, enquanto Paideia (NOSELLA, 2002). Com o fim de avaliar o papel da arquitetura escolar na formação dos indivíduos e cidadãos, buscou-se realizar um estudo historiográfico da relação entre arquitetura e educação, centrado na produção

pública paulista, a partir do Convênio Escolar (1949), abrangendo o Instituto de Previdência do Estado de São Paulo (IPESP, 1959-1966), o Fundo Estadual de Construções Escolares (FECE, 1960-1976), a Companhia de Construções Escolares do Estado de São Paulo (CONESP, 1976-1987) e a Fundação para o Desenvolvimento da Educação (FDE, 1987-). Por meio de procedimentos metodológicos voltados essencialmente à coleta, análise e síntese de material bibliográfico e iconográfico, se desenvolveram aproximações sucessivas ao tema da pesquisa, amparadas por análises do contexto e das políticas públicas vinculadas ao ensino. Pretendeu-se, pelo método histórico comparativo, elaborar uma análise das obras mais representativas de cada período, a fim de formar um quadro crítico e inferir considerações a respeito do vínculo entre arquitetura e educação. A pesquisa visa contribuir para a compreensão dos processos consequentes à constituição da arquitetura brasileira, assim como dos contextos históricos, sociais, políticos, econômicos e culturais que a engendraram. Para verificar as implicações entre concepções espaciais e práticas pedagógicas em um período chave para a constituição das políticas públicas no estado de São Paulo, abordou-se, conjuntamente, a formulação, definição e consolidação das práticas pedagógicas adotadas contemporaneamente no ensino público. O percorrer do aparelhamento institucional da educação comparece enquanto forma de compreensão da importância da demanda educacional para a revisão das concepções a respeito do espaço de ensino, assim como das atribuições das escolas e da constituição do que viria a ser denominado enquanto Escola Paulista. Sintomático de tais discussões, se não é possível afirmar uma correspondência e efetivo diálogo entre pedagogos e arquitetos, através da aparente autonomia das soluções arquitetônicas frente às concepções pedagógicas, percebe-se na proposição dos arquitetos modificações de ordem programática, que revelam a importância da escola enquanto reduto de formação social e cultural mais ampla. Assim, através das permanências e variações arquitetônicas ao longo dos períodos estudados prenunciam-se interferências pedagógicas distintas, devido à conformação de ambientes escolares variados e às diferentes relações pedagógicas pretendidas, através da importância atribuída aos espaços de sociabilidade (manifestos na recorrência dos espaços dos recreios cobertos e pátios externos), da continuidade espacial proposta e o entendimento do potencial crítico social da arquitetura, de sua função política, a qual consolidará

as escolas públicas enquanto o grande equipamento social do estado de São Paulo. Escolas como ensaios das concepções sociais de seus arquitetos, as quais almejam irradiar-se para as cidades e que constituem o ambiente fundamental para discussão da relação entre a prática educacional e os espaços nas quais se desenvolve.

2. Por uma arquitetura social: o legado de Mayumi Watanabe de Souza Lima

Bruna Marchiori Souto

(EC / Bolsa IC - Conselho Científico EC)

orientação: Profa. Dra. Joana Mello

(EC e FAU-USP)

O objeto da pesquisa aqui apresentada foi estudar a obra da arquiteta nipo-brasileira Mayumi Watanabe de Souza Lima (1934-1994), cuja carreira e maior parte das obras se concentrou em São Paulo (1976 - 1993). Graduada na FAU-USP em 1956, Mestre em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de Brasília em 1965, e Doutora em Educação pela FE-USP em 1989, Mayumi contribuiu significativamente para a reflexão acerca das questões sociais das cidades, sobretudo a moradia popular e o ensino básico. Assumindo um posicionamento crítico e investigativo sobre o desenho dos espaços coletivos, sempre sob o viés do usuário, a arquiteta publicou dois livros: “Espaços Educativos - Uso e Construção” (1988) e “A Cidade e a Criança” (1989). Através de fotografias, excertos de jornais, desenhos e outros materiais do acervo pessoal da arquiteta - localizado no Centro de Memória Sérgio Buarque de Holanda (Fundação Perseu Abramo, SP), investigou-se sua trajetória ao longo dos anos como militante, docente e arquiteta no setor público. A seleção de projetos analisados para a pesquisa concentrou-se no período final de sua carreira, onde houve maior produção de espaços coletivos - sobretudo escolas infantis -, quando existia a fábrica CEDEC (Centro de Desenvolvimento de Equipamentos Urbanos e Comunitários) de elementos de argamassa pré-fabricada, técnica estudada por Mayumi e João Filgueiras Lima “Lelé” quando trabalharam juntos no CEPLAN de Brasília na década de 60. Mayumi era a coordenadora geral dos trabalhos da EMURB (Empresa Municipal de Urbanização), chefe do EDIF (Departamento de Edificações) e diretora do CEDEC, quando Luiza Erundina era a prefeita de São Paulo nos anos 90. A pesquisa pretendeu compreender qual a amplitude dessa arquitetura social defendida por Mayumi e de que forma podemos encarar e repassar seu legado, tão recente e pouco divulgado - até

mesmo dentro do ensino de Arquitetura e Urbanismo nas Universidades brasileiras.

3. O emprego de estruturas metálicas tridimensionais em quatro obras de Eduardo de Almeida

Ugo Breyton Silva

(EC / Bolsa IC - Conselho Científico EC)

orientação: Prof. Dr. Cesar Shundi Iwamizu

(EC e FAU-USP)

As estruturas metálicas aparecem logo no início da larga produção de Eduardo de Almeida, em pequenos projetos residenciais de estrutura mista nos primeiros anos da década de 1960. Essa produção se desdobra em projetos de forma e escalas radicais para os concursos nacional e internacional do Pavilhão Brasileiro na Exposição Universal de Osaka e do Centro Georges Pompidou, na passagem para a década de 1970, com o emprego de treliças metálicas tridimensionais. Esta solução estrutural se repete nos projetos para a fábrica Altemio Spinelli e no Escritório da Morlan, construídos em São Paulo. Estes quatro projetos foram selecionados para pautar uma investigação acerca do emprego de estruturas metálicas tridimensionais na obra de Eduardo de Almeida, localizando-a dentro dos contextos da produção arquitetônica nacional e internacional a partir da metade do século XX. Essa investigação deve ocorrer a partir de duas frentes de pesquisa: 1) um amplo levantamento bibliográfico a respeito da pós-modernidade (na perspectiva apresentada por Fredric Jameson) e da produção (nacional e internacional) em arquitetura neste período, discutida por uma gama de teóricos da arquitetura (Wisnik, Montaner, Banham, Rouillard, entre outros); 2) e uma análise minuciosa dos desenhos e modelos tridimensionais produzidos por Eduardo de Almeida para estes projetos, assim como a produção de um novo material (re-desenhos e modelos tridimensionais) destes.

4. Análise crítica da Pré-Fabricação e seus canteiros de obra - os casos do Terminal 3 do Aeroporto de Guarulhos e do Centro Internacional SARAH de Neuroreabilitação e Neurociências (RJ)

Carolina Bosio Quinzani e Mably Rocha (EC / Estágio em pesquisa Projeto Contracondutas - EC)
orientação: Profa. Dra. Anália Amorim (EC e FAU-USP) e Prof. Valdemir Lucio Rosa (EC)

A presente pesquisa insere-se no Projeto Contracondutas, que parte de questões abertas pela fis-

calização e flagrante de situações relacionadas ao trabalho escravo em uma grande obra em Guarulhos - Aeroporto Internacional Terminal 3 - para, através de pesquisas acadêmicas entre outras estratégias, levantar, analisar, debater, problematizar e comunicar de forma abrangente a situação do trabalho análogo ao escravo na indústria da construção civil, refletindo sobre seus rebatimentos na produção da arquitetura e do planejamento urbano de infraestrutura na escala do território nacional. No caso específico dessa pesquisa, será feita uma análise crítica a partir do sistema construtivo pré-fabricado usado no aeroporto, e de sua comparação com outro exemplo emblemático nas reflexões sobre pré-fabricação. Toma-se assim como objeto o Terminal 3 do Aeroporto de Guarulhos e o Centro Internacional SARAH de Neuroreabilitação e Neurociências (RJ). Os dois projetos serão comparados em aspectos que vão desde o desenho do pré-fabricado até o encaixe das peças, passando por todo o processo construtivo. A comparação pretende mostrar como os diferentes mecanismos empregados na obra influenciam na eficiência econômica, na questão ambiental e, principalmente, na qualidade laboral no canteiro de obras. O projeto de João Filgueiras Lima (Lelé) surgiu como contraponto significativo para essa pesquisa visto que o arquiteto conseguiu criar um canteiro de obras em que os trabalhadores estariam expostos a jornadas de trabalho menos exaustivas, tanto do ponto de vista das horas trabalhadas quanto do ponto de vista da ergonomia; também mais educativas, devido ao trabalho nas oficinas no Centro de Tecnologia da Rede Sarah (CTRS), onde os trabalhadores aprenderam novos ofícios e não perderem seus respectivos empregos, já que ele participou de todas as etapas do projeto e da obra. Entretanto, na maioria das construções o arquiteto participa apenas até o projeto preliminar e tal processo permite casos como o do Terminal 3, que violou os direitos dos trabalhadores por expô-los a uma situação de trabalho não formal, em que eles foram privados da proteção prevista pela CLT, além de deixá-los em uma situação degradante de insalubridade, alimentação e moradia enquanto eram mantidos como uma mão de obra de reserva para o canteiro desta obra. Com a análise crítica da tecnologia e do planejamento usados no canteiro de obra, essa linha de pesquisa pretende encontrar possíveis atitudes que o arquiteto pode ter para humanizar o canteiro, com uma intenção clara de resgatar a ideologia de João Filgueiras Lima. Pretende-se, então, tecer reflexões sobre as implicações sociais das escolhas técnicas, de ma-

teriais e de trabalho adotadas pelo arquiteto que podem culminar na realização de um canteiro de obra mais humanizado ou não.

5. Tipologia habitacional e o processo de projetos participativos: análise crítica do desenvolvido e tipologia do conjunto habitacional COPROMO

Nathália Conte Mendes Batista

(FAU-MACK / Bolsa PIBIC-MACK)

orientação: Prof. Ms. Paulo Emilio Buarque Ferreira (FAU-MACK)

O artigo desenvolve uma análise tipológica do conjunto habitacional COPROMO, construído pela CDHU com a assessoria técnica USINA-ctah, em 1992, período considerado paradigmático na construção habitacional para baixa renda no Brasil. Trabalha-se com um exemplo de mutirão autogerido, tendo um processo de desenvolvimento que parte do princípio da simbiose entre arquitetos e moradores na elaboração conjunta de projeto, gerenciamento e execução da obra. Apresenta-se, assim, o conjunto habitacional construído a partir de um sistema participativo, com a produção de mil unidades habitacionais de mesma tipologia. Os estudos desta pesquisa se iniciaram a partir da investigação de conjuntos habitacionais que tiveram como característica o processo de construção participativo e mutirão, adotando este fator como um elemento de escolha do estudo de caso que norteia a pesquisa, COPROMO. Dado o seu processo de concepção e execução, apresentando uma tipologia curiosa que foge dos padrões de habitação popular, o método construtivo adotado acabou limitando um valor projetual importante no contexto da habitação de interesse social, a flexibilidade tipológica. Diante da arquitetura, a qualidade de flexibilidade pode ser direcionada a duas vertentes: flexibilidade conceitual e flexibilidade permanente, termos abordados nos referentes artigos de Perreira (2013) e Tramontano (1993). A flexibilidade conceitual permite ao morador ter um papel participativo na definição e escolha de um “programa funcional” do projeto, adequado a sua dinâmica e cotidiano, personalizando o espaço doméstico de acordo com suas necessidades. A flexibilidade permanente refere-se à fase de utilização, na qual a habitação pode sofrer ou não modificações na característica física do espaço. Atribuindo aos espaços domésticos a capacidade de polivalência no que se refere ao uso dos distintos compartimentos. Dado este panorama, o objetivo desta pesquisa é justamente investigar

os fatores e diretrizes que nortearam o COPROMO; busca-se compreender como e porque o conceito flexibilidade, em um projeto que questiona os métodos e resultados usualmente utilizados em projetos de habitação de interesse social e que traz os moradores a participarem desde a concepção a execução, não está presente em sua tipologia final. Parte-se do levantamento de seu contexto histórico, para o desenvolvimento de uma análise crítica sobre as soluções tipológicas adotadas. Questionam-se não apenas as soluções técnicas, mas também o modo como seus atuais moradores se apropriam do espaço; apresentam-se, portanto, diferentes olhares sobre o COPROMO: o olhar histórico de produção habitacional no Brasil entre as décadas de 30-90; olhar do processo de mutirão autogerido e participação do morador; olhar da obra; olhar dos moradores e olhar do arquiteto.

MESA 6

Habitação social e políticas públicas

comentário: Profa. Dra. Paula Santoro (FAU-USP)

coordenação: Prof. Dr. Luis Octavio de Faria e Silva (EC e USJT)

1. Locação Social em São Paulo: o caso do Parque do Gato

Larissa Gomes (USJT / Programa PIVIC-USJT)

orientação: Prof. Dr. Luis Octavio de Faria e Silva (EC e USJT)

Os programas de habitação social no Brasil têm tido como modalidade preponderante (quase única) a aquisição de unidades de moradia. Para algumas situações, seja por dinâmicas familiares, seja por questões financeiras, é interessante oferecer a modalidade de locação social, algo pouco praticado no caso brasileiro. O presente trabalho tem como objetivo de estudar a modalidade de locação social como possibilidade de habitação social, tendo como base a observação de parâmetros referentes na cidade de São Paulo, suas normativas e conjuntos construídos, na intenção assim, de contribuir desta maneira para a compreensão dessa possibilidade. A locação social tem como objetivo desvincular o valor do aluguel do custo do imóvel e o vincular às possibilidades de pagamento das famílias. Assim, mantendo o imóvel como propriedade pública impedindo que a população beneficiada fique submetida à pressão do mercado imobiliário, ou que seja expulsa com a valorização das áreas centrais onde se encontra o programa de locação social - que costuma ser confundido com outros progra-

mas, como o aluguel social. Assim sendo, são necessárias a definição de Locação Social, Aluguel Social e Bolsa Aluguel nesse trabalho; além do levantamento da legislação referente à locação social em São Paulo atual e na sua criação, fazendo também comparação com outras legislações, como a de Curitiba no Paraná; e na análise específica do caso Parque do Gato. Foram levantados os problemas encontrados, na busca de entender a transição para propriedade individual e também a definição de como é hoje o conjunto habitacional, assim explicando o modo de financiamento utilizado, os termos contratuais, para entender como este é burlado, e o modo que todo o processo ocorre até a situação atual.

2. Os Planos Locais de Habitação de Interesse Social (PLHIS) e a política ambiental

Edson Maia Villela Filho (PUCPR)

orientação: Prof. Dra. Zulma das Graças Lucena Schussel (PUCPR)

A área habitacional no Brasil sofreu várias intervenções em suas bases e estruturas, além de uma nova composição em sua política nacional desde o início do século XXI, principalmente pela aprovação do Estatuto das Cidades. O Ministério das Cidades elaborou a Política Nacional de Habitação (PNH), o Sistema Nacional de Habitação (SNH) e o Plano Nacional de habitação (PlanHab) para gerenciar recursos e o equacionamento das necessidades brasileiras. Coube aos municípios desenvolver Planos Locais de Habitação de Interesse Social (PLHIS) para orientar a tomada de decisões, corrigir irregularidades e conseguir recursos para ações habitacionais. Porém, com a criação do Programa Federal Minha Casa Minha Vida em 2009, a política habitacional foi atingida pela falta de planejamento e integração com o novo plano. Essa pesquisa busca relacionar os PLHIS de cada município pois eles possuem questões e ações em comum. O desenvolvimento do trabalho foi dividido em três partes: fundamentação teórica, visitas / entrevistas e análise dos Planos de Habitação. A primeira foi realizada com a leitura de artigos e elaboração de resenhas. A etapa seguinte corresponde a comparação realizada entre a teoria e a prática. Por último, a análise dos Planos foi executada com a elaboração de tabelas para cada município: Araucária, Campina Grande do Sul, Colombo, Curitiba, Pinhais, Quatro Barras e São José dos Pinhais. Os resultados dessa análise são muito parecidos, pois foram elaborados pela mesma empresa (Ecotécnica Tecnologia e Consul-

toria Ltda.) ou apresentam necessidades em comum. Foi visível uma falta de integração entre os Planos das cidades vizinhas, pois somente com o planejamento conjunto será possível solucionar problemas comuns.

3. A construção do discurso dos atores envolvidos na produção do Programa Minha Casa Minha Vida

João Vitor Ferrari Rabelo e Eduarda Assis Carmo (UFMG / Bolsa FAPEMIG)

orientação: Profa. Dra. Denise Morado Nascimento (UFMG)

Entendendo o campo das políticas habitacionais como permeado por interesses econômicos e políticos, buscamos na presente pesquisa analisar como empreendimentos de produção habitacional para famílias de baixa renda que visam a redução do déficit habitacional, mais especificamente o Programa Minha Casa Minha Vida (PMCMV), se consolidaram e se legitimaram enquanto práticas. O PMCMV, subsidiado pelo governo federal, fundamenta-se sobre uma imposição ideológica do modelo de propriedade privada a ser adquirida ao longo do tempo, negando o debate historicamente presente na construção das políticas habitacionais por meio da participação dos movimentos de luta pela moradia. O programa busca implementar, em nível nacional, um modelo de prédios padronizados de apartamentos de 40m² em sua grande maioria, erigidos em áreas periféricas da cidade com inserção urbana questionável, os quais são entregues às famílias de baixa renda cadastradas pelo poder público local. Péssimas localizações; grandes deslocamentos urbanos a que têm sido submetidas boa parte das famílias beneficiárias; expansão horizontal das cidades com criação de vazios especulativos; segregação urbana nas diversas escalas; padronização da produção por todo o país independentemente das condições bioclimáticas e culturais; baixa qualidade construtiva; altos custos de manutenção; falta de regulação pública da produção são algumas das características que têm sido frequentes nas avaliações feitas do programa. À vista disso, partimos do pressuposto de que o processo de construção de uma realidade social, enquanto simbolicamente constituída, não está alheio à existência de relações de poder e que estas se expressam também na linguagem sob a forma de discursos, entendidos aqui como espaços de disputa ideológica por excelência. Com efeito, a compreensão da consolidação de práticas

similares ao PMCMV como estratégias eficientes no combate ao déficit habitacional perpassa o âmbito do discurso que as legitima socialmente. Nesse cenário, a posição privilegiada da mídia na construção simbólica da realidade é inegável, ainda que seja um ambiente heterogêneo e em constante disputa. Sendo assim, a proposta pretende analisar conteúdos jornalísticos eletrônicos que tratam do PMCMV na Região Metropolitana de Belo Horizonte, Minas Gerais, com o objetivo de desvelar o discurso midiático que cristaliza as políticas habitacionais. É importante ressaltar que a intenção não é fazer uma análise sobre a forma como indivíduos internalizam o conteúdo dos meios de comunicação, mas explorar como o discurso midiático é compatível com a realidade social das estruturas de produção do espaço urbano exatamente por constituí-la, enquanto imposição ideológica dominante. Reportagens digitais que tratam do tema do PMCMV e dos empreendimentos presentes nas cidades da RMBH foram coletadas para, em seguida, serem classificadas por categorias e analisadas pelos conteúdos. Espera-se, ao final, explicitar a construção do discurso dos atores envolvidos na produção da moradia.

4. Casa para quem precisa: desequilíbrios entre público alvo e atingido pelo Programa Minha Casa, Minha Vida em Minas Gerais e Espírito Santo

Lorena Gomes Ravazzi e Jorge Lira de Toledo e Gazel (DAU-UFV / Bolsa PIBIC-FAPEMIG)
orientação: Prof. Dr. Tiago Augusto da Cunha (DAU-UFV)

Após 2002, novos instrumentos e objetivos foram adicionados à política habitacional nacional, voltados à inclusão e equidade social ao garantir acesso à habitação à população financeiramente mais carente. Nesse sentido, interessa ao presente estudo investigar a acurácia do Programa Minha Casa, Minha Vida (PMCMV), elucidando se os aportes estão, de fato, atingindo a população mais privada de meios físico-financeiros para adquiri-la. A bibliografia recente aponta o contrário. Presume-se, portanto, que a relação público alvo/público atingido divirja. Para tanto, investiga-se as possíveis incongruências no abrandamento do déficit habitacional, destrinchando Minas Gerais e Espírito Santo, haja vista a pressão por novas moradias a partir do crescimento populacional e sua concentração espacial. Pretende-se então averiguar se as habitações do PMCMV estão sendo acessadas pela população menos abastada (0 a 3 salários mínimos).

Nesse sentido, espera-se contribuir com a formulação (ou reformulação) de políticas públicas habitacionais de âmbito regional e nacional. Para isso, se fez necessária a caracterização do déficit habitacional absoluto segundo municípios de MG e ES, com base em dados provenientes da Secretaria Nacional de Habitação (SNH), da Caixa Econômica Federal (CEF) e da Fundação João Pinheiro. Os dados, por sua vez, compreendem os empreendimentos aprovados - não necessariamente executados - até 2013 nos estados em questão. Opta-se por utilizá-los como recorte territorial, haja vista que apresentam os mais significativos valores absolutos de déficit habitacional da União. Os empreendimentos do Programa Minha Casa, Minha Vida nos estados de MG e ES, foram mapeados com o auxílio do software ARCGis, ora separados por faixa de renda, ora por demanda e acesso. Embora recentemente tenha ocorrido um reavivamento da política habitacional tanto em termos conceituais como econômicos - com a injeção de grandes somas de recursos financeiros, frutos de um cenário macroeconômico favorável - a questão do déficit básico perdura. Há indícios que estratos populacionais mais carentes continuam delegados a um segundo plano, fomentando o ciclo de reprodução e acentuação de desigualdades socioespaciais. O corrente projeto se enquadra como um dos primeiros objetivos de um projeto de pesquisa mais amplo denominado “Os efeitos do Programa Minha Casa, Minha Vida no abrandamento das desigualdades infraestruturais regionais brasileiras”, encabeçado pelo grupo registrado no Diretório CNPq “Território & Desigualdades” da Universidade Federal de Viçosa (UFV), contando com a colaboração de diversos pesquisadores de outros centros de estudos.

5. Avaliação da política pública do governo brasileiro para a programação de habitação social

João Paulo Gobbo de Sousa (UNITAU)
orientação: Prof. Dr. José Oswaldo Soares de Oliveira (UNITAU)

O desenvolvimento da Política Social do governo brasileiro no período compreendido entre 2003 e 2014 propiciou um novo patamar de inclusão social do contingente de moradores abrangidos pelo Programa Minha Casa, Minha Vida, em detrimento de possíveis percalços enfrentado pela implantação das atividades do setor construtivo inerentes a sua inclusão no meio urbano em expansão nas médias e grandes cidades, atrelados a processos especu-

lativos da terra, a situações de dificuldades de acesso ao transporte e até mesmo de problemas construtivos presentes nos edifícios resultantes. A pesquisa, por meio empírico, se desenvolverá de modo a compreender a situação dos programas de habitação social no município de Taubaté. Optando por um trabalho de fontes primárias, buscando entender as expectativas dos moradores dos programas de habitação de políticas públicas, será elaborado um roteiro temático com auxílio do Grupo de Pesquisa Socioambiental - UNITAU e do LAPSI-USP. O roteiro será dividido em duas fases: questionário aberto e questionário dirigido. Tal questionário será aplicado a uma parcela de 2% desta população, para que tenhamos subsídios para uma posterior análise do grau de satisfação dos habitantes em relação a seu abrigo e ao meio urbano do qual está inserido.

MESA 7

Olhares e representações da metrópole

comentário: Profa. Dra. Silvana Rubino (IFCH-UNICAMP)

coordenação: Profa. Dra. Fernanda Pitta (EC e Pinacoteca-SP)

1. A cidade de São Paulo através de seus rios: estudo de imagens fotográficas de fins do século XIX até meados do século XX

Alexandre Kok Martins

(EC / Bolsa IC - Conselho Científico EC)

orientação: Profa. Ms. Amália Cristovão dos Santos (EC)

A pesquisa tem como objetivo compreender a relação criada entre a cidade e os quatro principais rios de São Paulo - Anhangabaú, Tamanduateí, Tietê e Pinheiros -, no período que se estende do fim do século XIX até meados do século XX. O estudo se baseará numa análise comparativa entre fotografias dos rios tiradas no período destacado, buscando apontar também como se deu a expansão da cidade e quais os motivos que levaram a que fossem realizadas as grandes obras de intervenções nos rios. As fotografias, que serão a principal fonte de documento da pesquisa, serão levantadas e selecionadas a partir de estudos em acervos fotográficos, como Brasiliana Fotográfica, Arquivo Público do Estado de São Paulo, Arquivo Histórico da Cidade de São Paulo, Acervo Fotográfico do Museu da Cidade de São Paulo (Casa da Imagem) e o acervo *online* do Instituto Moreira Salles. Paralelamente a isso, a leitura de alguns livros e

artigos servirão como base teórica tanto do estudo da cidade de São Paulo quanto da discussão da fotografia como documento histórico.

2. Centro de São Paulo: identidade e cotidiano a partir da produção de imagens fotográficas

Fiona Susan Platt (SENAC)

orientação: Prof. Ms. Ralf José Castanheira Flôres (SENAC)

Este projeto busca estudar a(s) memória(s) e a(s) identidade(s) da cidade de São Paulo a partir da produção de representações visuais de sua paisagem urbana - fotografias - e sua difusão por compartilhamento em redes sociais, mais especificamente o *Instagram*, aplicativo para *smartphones*. As imagens analisadas foram selecionadas a partir da *hashtag* (indexador) “centro de São Paulo” ou, na linguagem do aplicativo, *#centrodesaopaulo*, e estão em um recorte temporal estabelecido entre os meses de agosto a dezembro de 2014. Produzidas por pessoas comuns, estas imagens constituem um acervo documental digital espontâneo e coletivo, em constante crescimento e, através delas, acredita-se poder identificar elementos para a construção de uma identidade para a cidade.

3. Cidade E Cinema: representações da periferia no cinema brasileiro (Rio de Janeiro e São Paulo)

Vinícius Okada Micheletto de Moraes D’Amico e

Jeanne Alves Vilela (IAU-USP / Bolsas PUB-USP)

orientação: Prof. Dr. Ruy Sardinha Lopes (IAU-USP)

As presentes pesquisas têm por objetivo analisar a representação social e arquitetônica das periferias das cidades do Rio de Janeiro e São Paulo no cinema nacional brasileiro dos anos 1950 até a atualidade, no sentido de apreender as mutações da imagem do “ser da periferia” e sua articulação com os processos de empresariamento da cidade, em curso desde a década de 1990. Está baseada no levantamento bibliográfico e cinematográfico acerca das periferias carioca e paulistana, sua análise e sistematização em busca de suas principais características e especificidades. Os chamados megaeventos fizeram surgir no Rio de Janeiro uma nova postura com relação à periferia. Existe um esforço em tornar os morros, favelas e comunidades segregadas parte integrante da cidade asfaltada e em transformar o imagético desses territórios, mesmo que para essa transformação seja necessário o emprego de violência por parte da polícia.

O que antes era visto como território de violência e pobreza agora passa a ser visto como mercado consumidor em potencial, gerador de conteúdo artístico e fonte de empreendimentos. A mídia surge como consolidadora desse esforço em promover a imagem da favela pacificada, agindo por meio do apoio e exaltação das novas políticas públicas em andamento. Ela aparece como instrumento fundamental para o sucesso das manobras que visam transformar a carência das favelas em potencialidade. Da mesma maneira, o cinema acompanha o contexto de mudanças históricas das comunidades. A construção de três imagens distintas da periferia através dos tempos (a favela romantizada do cinema de 1950, a periferia tomada pela violência no cinema das décadas de 1990/2000 e a favela em processo de pacificação veiculada pela mídia a partir de 2008) não caracteriza apenas um reflexo de como as periferias são encaradas nesses diferentes momentos, mas também interfere no modo como elas são vistas pela sociedade. De maneira análoga, a cidade de São Paulo apresenta uma história segregadora, cujo crescimento urbano sempre se deu de modo a “empurrar” as comunidades mais pobres para as zonas periféricas, cada vez mais longe dos centros e perto das áreas menos nobres. Nas primeiras décadas do século XXI, alguns fatores acarretaram a necessidade de mudança do perfil imagético antes propagado a respeito da periferia. Novamente a mídia surge como consolidadora desse esforço e o cinema nacional auxilia na construção desse novo imagético urbano. A partir dessas percepções, as presentes pesquisas buscam compreender a importância do cinema na criação e modificação do imaginário sobre as periferias, bem como a maneira pela qual essas comunidades são influenciadas e atingidas por este.

4. Aprendendo com as diferenças: comunidades informais e autoconstrução em São Paulo e Copenhague

Julia Park (EC / Bolsa IC - Conselho Científico EC)
orientação: Prof. Dr. Luis Octavio de Faria e Silva (EC e USJT)

O objeto de estudo desta pesquisa é a produção vernacular de duas comunidades informais em contextos opostos localizadas nas cidades de São Paulo e Copenhague, nas quais observamos analiticamente práticas e técnicas de autoconstrução. Como situações em contextos tão diferentes - climáticos, ambientais, materiais, econômicos, sociais e culturais - poderiam se aproximar através das

práticas e técnicas da autoconstrução? Existem padrões similares de técnicas e práticas de autoconstrução entre comunidades em contextos tão diferentes? Toda construção carrega um processo ‘biográfico’ que é moldado a partir dos diferentes processos de mudança e adaptação, sendo isto especialmente relevante para as construções dos territórios marginalizados onde a produção original está caracterizada pelas limitações econômicas, espaciais e humanas e nas quais projetam-se desejo de uma futura continuação de expansão. Acreditamos que a transmissão de conhecimentos tradicionais e práticas - formais e informais - passa por um processo criativo onde os sujeitos “negociam, interpretam e adaptam o conhecimento e as experiências adquiridas ao presente” (Vellinga, 2006). Os espaços de moradia marginalizados alteram as noções de centro-periferia e de nação-cidadania a partir da apropriação desses espaços e de suas práticas culturais. Para Michael Rios, são novos espaços de imaginação, reivindicação que geram “*material thinking and collaborative human action*” e questiona o modo como urbanistas planejam e atuam em cima de diretrizes fixas. O interesse em estudar as comunidades informais dessas cidades provém do fato de que ambos os casos, incontestavelmente, são parte da realidade local. São Paulo com suas favelas e Copenhague com Christiania. Em cada situação as comunidades reagem e utilizam de recursos que dispõem conforme suas necessidades e disponibilidade, dinâmica que está diretamente relacionada a sua produção arquitetônica. Por estarem inseridos em sistemas mais orgânicos e menos restritos, as construções locais refletem esse caráter mais espontâneo. Esta pesquisa se dedica a tentar compreender como as práticas construtivas dessas comunidades levaram a tais resultados. No primeiro período de pesquisa, uma extensa pesquisa bibliográfica foi feita. Articulou-se a caracterização e descrição tanto das cidades quanto das comunidades escolhidas, detalhando as características contextuais geográficas, históricas e socioeconômicas dos dois lugares, além de afinar os conceitos utilizados e alinhar a argumentação com uma seleção de autores. Já um segundo período pode ser caracterizado por uma pesquisa de campo, incluindo entrevistas feitas *in loco* e procurando obter importantes fontes e para se estabelecer um critério de comparação benéfico para o estudo, a partir das práticas e procedimentos de construção das comunidades. Alimentada de materiais documentados e fotografados, esta etapa culminou no Catálogo Analítico Comparativo, que propõe a caracterizar paralelamente

os bairros Jardim Colombo e Christiania, tanto na sua materialidade, quanto na composição. Através da categorização de elementos e situações presentes no cotidiano de ambas, se procura encontrar similaridades e disparidades entre elas, para que, somado às informações adquiridas da bibliografia e entrevistas, se possa compreender visualmente e concluir o que as comunidades poderiam extrair uma da outra.

5. Do lirismo ao caos: experimentação gráfica sobre São Paulo a partir de Walter Benjamin

Guilherme Paschoal Ribeiro (EC / Bolsa PE - Conselho Científico EC)

orientação: Prof. Ms. Alexandre Benoit (EC)

O trabalho tem a ambição de compreender o autor Walter Benjamin em seu tempo e sua leitura de cidade. Para tal, enxergamos no “*Obras escolhidas III: Charles Baudelaire, um lírico no auge do capitalismo*” o grande cerne de nosso intuito de pesquisa, pois entendemos que seja nesta obra onde Walter Benjamin a partir dos poemas de Charles Baudelaire conceitua a modernidade e consequentemente as mudanças vividas na cidade. A partir desta leitura, extrapolamos alguns dos conceitos e exercícios propostos por Benjamin para o Brasil e nossas cidades, em especial São Paulo, afim de investigar graficamente formas de representar alguns espaços públicos desta cidade. A pesquisa terá como objetivo a elaboração de um livro-objeto, no qual a própria narrativa amarre estas formas de pensamento (teoria e desenho).

MESA 8

Cidade, espaços e sujeitos

comentário: Profa. Dra. Ana Castro (FAU-USP)

coordenação: Profa. Ms. Amália Cristovão dos Santos (EC)

1. Patrimônio edificado no Brás

Yasmin Darviche (FAU-USP / CNPq)

orientação: Profa. Dra. Beatriz Mugayar Kühl (FAU-USP)

A pesquisa, desenvolvida entre agosto de 2013 e julho de 2014, tratou do levantamento do patrimônio edificado em um perímetro específico do bairro do Brás, delimitado pelas Ruas Inácio de Araújo, Bresser, Coimbra, Dr. Costa Valente, Dr. João Alves de Lima, e Hipódromo. Dadas as modificações na conformação urbana do bairro - desde o estabelecimento do padrão de ocupação típico de um bairro

industrial, até os dias atuais - resultantes da dinâmica da metrópole, a pesquisa procurou identificar os elementos estruturadores da área que pudessem ser de interesse para preservação. Considerando que os últimos levantamentos desse tipo foram os inventários realizados pela EMURB, e pela COGEP com o DPH, na década de 1970, surgiu o interesse do Departamento do Patrimônio Histórico, da Secretária Municipal de Cultura, em estudos como este, pois seus resultados podem oferecer subsídios para a elaboração de um novo inventário e políticas públicas de preservação para o bairro. A pesquisa esteve articulada com outros projetos de iniciação científica, propostos conjuntamente através de grupos de pesquisa da FAU-USP e da UNIFESP, coordenados respectivamente pelas Professoras Dras. Beatriz Mugayar Kühl e Manoela Rossinetti Rufinoni, junto ao Núcleo de Apoio à Pesquisa “São Paulo: Cidade, espaço, memória”, cabendo ao grupo da FAU-USP o estudo do Brás. Participaram do projeto as alunas: Bruna Dedini, Gabriela Piccinini, Renata Campiotto, Tarsila Andriole e, atualmente, Luiza Nadalutti. Os projetos levam o mesmo tema e seguem mesma metodologia, porém estudam perímetros diferentes no bairro para que, quando vistos em conjunto, forneçam um diagnóstico aprofundado e completo sobre o patrimônio do Brás. Durante a primeira etapa de trabalho foi estudada a bibliografia básica de história da cidade, história do bairro, e história da arquitetura, para construção de conhecimento sobre a área tratada e criação de domínio sobre as questões a serem enfrentadas. Além disso, foram analisados documentos de arquivo, a cartografia da área e levantados os bens tombados em nível municipal e estadual. O aprofundamento dos estudos para o perímetro específico, realizado durante a segunda etapa, baseou-se em análises cartográficas - comparando a organização urbana atual da área com mapas antigos, principalmente o Sara Brasil -, e visitas a campo, buscando exemplares de interesse para a pesquisa. Como forma de organização dos elementos levantados, foram realizados mapas indicativos da volumetria, das características arquitetônicas e dos elementos que compõem a dinâmica da região - edifícios voltados para o comércio. Como forma de proposta foi organizado um mapa no qual são indicados os elementos passíveis de serem preservados. A pesquisa apresenta a permanência de exemplares históricos do bairro industrial na área em estudo. Porém, estes exemplares estão em risco de demolição dadas as modificações pelas quais a área vem passando, seja por consequência de planos urba-

nísticos, ou por parte da especulação imobiliária. A região apresenta muitos remanescentes da arquitetura de caráter cotidiano, sendo pequeno o número de edifícios de arquitetura monumental, e nenhum bem tombado. Muitas vilas, casas e antigos galpões ainda permanecem, respondendo às dinâmicas locais. Embora alguns estejam em mau estado de conservação, o patrimônio se mantém, materializando a memória do bairro.

2. Área central do Rio de Janeiro: patrimônio cultural, participação social e políticas urbanas (1970-2000)

Renata Satie da Cruz (FAU-USP / FAPESP)

orientação: Profa. Dra. Flavia Brito do Nascimento (FAU-USP)

A proposta da pesquisa é estudar o processo de preservação da área central da cidade do Rio de Janeiro no decorrer do século XX. Para tanto, procura-se compreender as intervenções urbanísticas executadas ou apenas projetadas desde o início do século até a década de 1970, além das medidas tomadas para garantir a preservação e “revitalização” do centro histórico pela administração pública municipal, estadual, federal e pela participação da sociedade civil. Dentre as estratégias para preservar o patrimônio urbano, a prefeitura do Rio de Janeiro optou pela aplicação do Corredor Cultural, projeto que foi elaborado de maneira que possibilitasse a união na abordagem da preservação do patrimônio cultural ao do planejamento urbano. O projeto do Corredor Cultural foi aprovado em 1983 e sua nomenclatura provém da identificação de espaços da área central que possuem função cultural e que se organizam de maneira contínua no núcleo urbano. A área demarcada inicia-se na Lapa, segue pelo Passeio, Cinelândia, Largo da Carioca, Rua da Carioca, Largo São Francisco, Praça Tiradentes, Saara, Campo de Santana e Praça Quinze.

O principal objetivo do Corredor Cultural é criar condições de “revitalização” das atividades culturais e recreativas, através de instrumentos de legislação e desenho urbano. No projeto foram previstas duas áreas principais: Preservação Ambiental, que procura garantir homogeneidade do ambiente com a preservação das fachadas e da volumetria do imóvel existente; e Renovação Urbana, que possui a especificação do gabarito máximo do edifício a ser construído, de maneira que não destoe do conjunto arquitetônico do entorno. Nota-se que a demarcação dessas áreas corresponde à percepção de um conjunto urbano

onde existe unidade, onde as mudanças e permanências devem respeitar o diálogo desse conjunto. Não é a preservação de um objeto isolado, é a tentativa de garantir a permanência de atividades culturais presentes e seus atores no centro histórico, com a consciência de que suas relações com a cidade é que as mantém em movimento. Além disso, os parâmetros de preservação possuem a intenção de evitar mudanças na paisagem do centro histórico que causem fragmentação e a consequente perda da identidade e memória dos espaços. Procuram evitar que se repitam medidas de alguns projetos que foram aprovados antes do Corredor Cultural, como os de infraestrutura que rasgaram ou rasgariam o tecido urbano (Avenida Diagonal e Avenida Presidente Vargas); ou projetos pontuais que impactaram o seu entorno pelo contraste em relação à tipologia eclética ou colonial. Desse modo, busca-se apreender os debates e as práticas de preservação na área central, com base na análise de Projetos Aprovados de Alinhamento (PAA) e Projetos de Loteamento (PAL), mapas, decretos municipais, listas de bens tombados e processos de tombamento. A união das abordagens dos vários atores sociais e instâncias da administração pública para a preservação e “revitalização” do centro, além do amadurecimento na discussão sobre os parâmetros conceituais sobre o patrimônio, permitiram que o centro do Rio de Janeiro fosse pioneiro no trato com os temas da preexistência urbana e da valorização do ambiente construído.

3. A Praça da Bandeira em São Paulo: ideias em conflito, realizações e projetos interrompidos

Gustavo Marques dos Santos

(FAU-USP / PIBIC-CNPq)

orientação: Prof. Dr. Renato Cymbalista (FAU-USP)

A presente pesquisa tem como objetivo sistematizar os diferentes planos urbanísticos e arquitetônicos que foram produzidos para a territorialidade da atual Praça da Bandeira, na cidade de São Paulo - SP; desde seus primórdios até a implementação ali de um terminal de ônibus, em 1996. A reunião desses projetos, sejam eles realizados, interrompidos ou apenas idealizados, buscou preencher uma lacuna historiográfica paulistana, que até o momento abordou a Praça da Bandeira em uma relação de subordinação a outros espaços centrais mais prestigiados; e não como a centralidade urbanística particular que ela o é. Além do resgate e organização desses projetos, em arquivos e bibliotecas, propõem-se também um exercício mais aprofundado de apreciação dessas interven-

ções; superando uma mera coleta de fotografias e desenhos técnicos. Para isso, modelos virtuais dos projetos abordados e mapas georreferenciados do local foram construídos; permitindo uma análise mais detalhada das implicações e limitações de cada intervenção ali empreendida. A análise do contexto histórico e os reflexos das sucessivas obras nesse privilegiado espaço paulistano, do ponto de vista urbanístico, torna-se assim uma contribuição ao debate contemporâneo de revalorização da cidade (e em especial de seu centro) por parte de amplos setores da sociedade paulistana. Distanciando-se da simplificação recorrente de considerar a Praça da Bandeira um espaço anexo, esta pesquisa procurou demonstrar como ela o é, em si, uma centralidade própria cujas características excepcionais a tornaram um desafio urbanístico maior do que a cidade fora até o momento capaz de responder (e, por isso mesmo, mais do que qualquer outro um local possível para a efetivação de um novo ideal urbano).

4. Na altura do olhar: três aproximações sobre a Gal. Jardim

Tali Liberman Caldas

(EC / Bolsa IC - Conselho Científico EC)

orientação: Prof. Dr. Eduardo Costa (EC)

A reflexão sobre uma cidade grande é tarefa complexa e passível de diversas abordagens. Pensar uma cidade grande é muitas vezes se remeter a imagens, momentos e repetições. O espaço público, quando ocupado pelo homem, é fundamental para o funcionamento dessa cidade. Segundo Jane Jacobs (1961), a primeira imagem de uma grande cidade é formada pelas ruas e calçadas, espaços públicos, portanto, aonde as trocas, no sentido material e simbólico, se dão com maior intensidade. Tais trocas configuram o espaço das calçadas como múltiplo, mutável e dinâmico, sempre se reformulando, assumindo configurações para diversos atores. Michel Foucault, ao falar nas heterotopias (1967), aponta esta justaposição de vários espaços, aparentemente incompatíveis, em um lugar real. As calçadas, portanto, podem ser comparadas ao teatro. O palco é sempre o mesmo, mas o cenário, os atores e a plateia mudam constantemente. A pesquisa pretende aproximar-se do espaço público e suas possibilidades de troca, a partir do olhar para microdinâmicas urbanas, de alguns usos e caracterizações da calçada de uma grande cidade. Partindo de um primeiro estudo sobre o comportamento do homem no espaço público, marcado por estímulos e tensões, o recorte dado às calçadas

da Rua General Jardim, Vila Buarque, São Paulo, como objeto de pesquisa, se dá pelo seu papel estruturador na construção deste espaço e por sua relação direta com a escala humana. Nesta pesquisa, não é de interesse a utilização de metodologias estruturadas apenas em instrumentos objetivos e estáticos do urbanismo, mas sim direcionar o olhar às dinâmicas do espaço, aproximando-se da antropologia urbana, tendo sempre em vista o papel central e o discurso da escala humana que o produz e ocupa. Tal estudo irá apoiar-se diretamente em obras pontuais que tratam do conceito de espaço e sua apropriação, de três pensadores “não urbanistas”: “Morte e Vida de Grandes cidades”, publicada por Jane Jacobs em 1961; “O corpo utópico, As heterotopias”, publicação de 1984 do conjunto de conferências dadas por Michel Foucault em 1967; e “O declínio do homem público”, publicado por Richard Sennett em 1974. É na relação com estas obras que a Rua General Jardim surge como um instigante objeto de pesquisa.

5. Análise comparativa de lugares públicos na metrópole contemporânea: estudo sobre a Praça Sílvio Romero e o Shopping Tatuapé, São Paulo - SP

Teresa Cristina Barroso Vieira

(FAU-USP / PIBIC-CNPq)

orientação: Prof. Dr. Eugenio Fernandes Queiroga

(FAU-USP)

Este trabalho objetiva analisar comparativamente as apropriações públicas da Praça Sílvio Romero e do Shopping Tatuapé, por meio de suas características morfológicas e sociais. Buscar-se-á aferir seus papéis na constituição da esfera pública local, tendo em vista o sistema de objetos e o tipo de propriedade dos diferentes espaços. Ambos os objetos de estudo estão localizados no bairro do Tatuapé, na cidade de São Paulo. Queiroga (2012) define esfera pública geral como toda a vida “em público”, abrangendo, portanto, o debate público (político e intelectual) e a ação comunicativa (verbal ou não-verbal), inclusive a cotidiana, desde que compartilhada “em público” no espaço, seja ele real ou virtual. Ao afirmar que as espacialidades da esfera pública, ou seja, as apropriações públicas dos espaços (reais), podem ocorrer tanto em propriedades públicas quanto privadas, Queiroga (2012) amplia o escopo de análise da esfera pública contemporânea, pois desvincula a obrigatoriedade de se relacionar espaço público e esfera pública. O autor define, então, o conceito de “lugar público” como aquele em que se estabelece a esfera pública

(geral ou estrita), independentemente da propriedade ser pública ou privada. O Shopping Tatuapé está integrado à Estação Tatuapé de Metrô da Linha Vermelha, por onde circula a maior demanda de usuários do sistema metroviário. Além das tradicionais funções de compras e serviços, o Shopping Tatuapé tem se destacado por forte apelo popular e como ponto de encontro de diferentes “tribos urbanas”. Desta maneira, pretende-se comparar as espacialidades da esfera pública no Shopping Tatuapé, um potencial lugar público, e na Praça Sílvio Romero, um espaço público tradicional. A pesquisa teve início com aprofundamento teórico por meio de revisão bibliográfica. Na sequência realizou-se trabalho de campo, com coleta de dados em situações diversas durante o ano. Por fim, estes dados foram sistematizados, analisados e o relatório final elaborado. Em sucessivas visitas ao Shopping Tatuapé, a hipótese inicial de que este era ponto de encontro de diferentes “tribos urbanas”, ou seja, apesar de configurar-se como espaço privado possuía apropriações públicas, não se confirmou. Desta forma, analisou-se a Praça Sílvio Romero, tradicional espaço público, segundo a metodologia de ALEX (2004). Após uma breve contextualização histórica, fez-se uma leitura da praça considerando: acessibilidade e atratividade em relação a sua inserção urbana; uso e ocupação do solo do entorno; relações de troca com o entorno e principais fluxos; sistema de objetos e sistema de ações. Concluindo, a Praça Sílvio Romero revelou-se palco de rica e intensa vida pública. A diversa oferta de modais de transporte público nas proximidades - estação Tatuapé de trem e metrô, e terminal de ônibus - bem como o uso do solo comercial e de serviços em suas edificações lindeiras, garantem à praça alto e constante fluxo de pedestres. *Locus* de passagem, mas também de permanências, a praça possui um sistema de objetos capaz de comportar múltiplas apropriações, atraindo diversos usuários de ambos os gêneros e diferentes faixas etárias. A Praça Sílvio Romero configura-se, portanto, como importante espaço público de encontros e convívio, de trocas e de conflitos.

MESA 9

Cidade, arquitetura e dinâmicas do capital

comentário: Profa. Dra. Beatriz Kara José (Senac)
coordenação: Prof. Ms. Guilherme Petrella
(EC e USJT)

1. Cidade Compacta e observação da Operação Urbana Consorciada (OUC)

Bairro do Tamanduateí

Aline Gomes (USJT / Programa PIVIC-USJT)
orientação: Prof. Dr. Luis Octavio de Faria e Silva
(USJT)

O presente estudo científico busca elaborar princípios e parâmetros do tema Cidade Compacta e comparar e observar com a Operação Urbana Consorciada (OUC) Bairros do Tamanduateí, objeto de estudo de campo. O projeto vincula-se à universidade na área de Urbanismo do Curso de Arquitetura e Urbanismo, e elege como objeto de estudo uma operação urbana consorciada que abrange uma área de intervenção urbana que está no campo de influência do campus Mooca da universidade. A partir do estudo de bibliografias exercemos parâmetros e comparações de temas influentes em Cidades Compactas, com ênfase nos seguintes aspectos: densidade, em que podemos citar como bibliografia principal o livro *Densidade Urbana - Um instrumento de planejamento e gestão urbana*, de Claudio Acioly e Forbes Davidson; a questão hídrica, de modos, e de modelos de infraestrutura, em que utilizamos como principal bibliografia o livro *O Negócio de Cidade*, de Manuel Hecer; e a influência de tipologias, de edificações, e de traçado na saúde e conforto dos usuários a fim de refletir sobre o grau de influência de parâmetros e limites na cidade. Ao observar a OUC Bairros do Tamanduateí identificamos a aplicação de alguns conceitos de cidade compacta como o adensamento, o incentivo de atividades econômicas locais e medidas que levam a criação de novos empregos voltados para os moradores da própria região, a fim de evitar deslocamentos e melhorar a qualidade de vida dos moradores. Identificamos um possível problema ao longo prazo da OUC bairros do Tamanduateí e uma possível crítica aos princípios de cidade compacta elaborados nesta pesquisa. Após a descrição do estudo científico que estamos realizando, ainda temos a intenção de dar visibilidade prática a essa nova investigação, comparando o estudo da OUC Bairros do Tamanduateí com a OUC Porto Maravilha no Rio de Janeiro. Para isso, precisamos nos aprofundar nas contribuições bibliográficas e dar sequência às investigações de campo que estamos realizando.

2. Transformações e permanências na Barra Funda: a área envoltória do Teatro São Pedro

Larissa Tesubake de Farias (USJT / Programa PIVIC-USJT)
orientação: Profa. Dra. Andréa de Oliveira Tourinho (USJT)

O bairro Barra Funda, em São Paulo, possui consolidação antiga e teve seu desenvolvimento impulsionado pela ferrovia, a partir do final do século XIX. Apesar de existirem muitos imóveis tombados e reconhecidos pelos órgãos de preservação como patrimônio histórico da cidade, hoje essa região presencia novas dinâmicas, principalmente por intervenções do mercado imobiliário, que colocam em risco sua identidade e importância como lugar de memória. Assim, esta pesquisa tem por objetivo compreender a relação entre as transformações e permanências urbanas (bens históricos, tipologias, traçado e morfologia urbana) na região, tendo como recorte a área envoltória do Theatro São Pedro, regulamentada em 2006, a fim de preservar os bens imóveis importantes para a memória do lugar e conservar a visibilidade, destaque e ambiência dos mesmos. Para tanto, a pesquisa desenvolve-se em duas etapas: a primeira consiste no reconhecimento da área envoltória do Theatro São Pedro, comparando-a com seu entorno imediato, através de ferramentas como *Google Earth* e visitas a campo, para identificar as transformações que ocorrem na região, onde se localizam, quais seus usos e quem são os agentes que promovem tais intervenções, procura-se também reconhecer os usos e tipologias presentes na região, bem como quais são as permanências e onde se localizam; a segunda etapa constitui-se da revisão bibliográfica do tema, entrevistas com moradores e agentes de intervenção na área de estudo, além da sistematização e análise dos dados obtidos. Como resultados preliminares, verifica-se que o mercado imobiliário tem grande interesse na área, justificando suas intervenções a partir do caráter histórico e cultural da região, rede de mobilidade ali presente e a previsão da transformação do Minhocão em parque, como grandes atrativos para a região. Outros interessados na região foram identificados, como companhias de teatros, artistas plásticos e restaurantes, atraídos pelos galpões industriais, remanescentes do período industrial da região, além dos baixos preços dos imóveis.

3. São Paulo: duas cidades em uma. Um estudo sobre a Galeria MetrÓpole e o Conjunto Cidade Jardim

Debora Cristina da Silva
(EC / Bolsa IC - Conselho Científico EC)
orientação: Profa. Dra. Marina Grinover
(EC / FAU-USP)

O projeto de pesquisa proposto faz uma leitura

contemporânea da cidade de São Paulo, analisando como dois edifícios análogos de caráter misto, porém construídos em diferentes contextos históricos, sociais e culturais, permitem conformações diferentes no urbanismo e desenho da cidade. Esses contextos dizem respeito aos dois objetos de estudo da pesquisa: a Galeria MetrÓpole (1959-1964) projetado por Salvador Candia (1924-1991) e Gian Carlo Gasperini (1926) e o Conjunto e Shopping Cidade Jardim (2008), realizado pela incorporadora JHSF e projetado pelos arquitetos Julio Neves (1932-) e Pablo Slemenson (1955). Os objetos de estudo apresentam duas propostas diferentes de cidade. De um lado, o edifício e galeria MetrÓpole, pertencente ao contexto modernista no desenho de edifícios de uso mistos dos anos 1950/1960, que possui espaços coletivos em seu térreo que se abrem para a área central da cidade. De outro, o conjunto residencial e comercial Shopping Cidade Jardim, um empreendimento imobiliário de alta renda, que possui uma proposta mais privativa do uso misto, e que foi construído em uma região de centralidade relativamente recente na cidade. A compreensão geral do contexto de ambos os edifícios, juntamente com sua análise projetual permite compreender diferentes lógicas de funcionamento da cidade, passando por questões que envolvem o trabalho dos arquitetos para empreendedores privados em diferentes épocas, o viés social e científico na São Paulo contemporânea e sua segregação espacial, e a importância das relações urbanas causadas a partir da implantação do edifício e outras decisões de projeto em cada um dos casos.

4. Arquitetura e cidade na era do capital financeiro - os espaços aeroportuários

Bianca Feliz Okamoto e Gabriel de Paula Biselli (EC / Estágio em pesquisa Projeto Contracondutas - EC)
orientação: Profa. Dra. Marianna Boghosian Al Assal (EC) e Prof. Ms. Guilherme Petrella (EC e USJT)

O presente projeto de pesquisa busca analisar os espaços aeroportuários no Brasil, com ênfase na área construída do Terminal 3 do Aeroporto de Guarulhos, trazendo à luz suas novas dinâmicas organizadoras do espaço, sobretudo a partir do que François Chesnais classificou como *capitalismo financeiro* - sendo esta a sua fase mais contemporânea. Para isso, analisaremos essas dinâmicas em três instâncias ou dimensões diferentes: a *imediate* - referida propriamente ao *objeto* edificado do Terminal 3 de Guarulhos; a *global* - que diz respeito às lógicas em que opera o capitalismo finance-

ro; e, por fim, a *total* - que discutirá no campo simbólico e no da cultura os impactos e transformações geradas por grandes obras de infraestruturas. Através de um olhar mais atento sobre a maneira pela qual foi estruturada a construção - desde a concepção, sistema de concorrência e mudanças de projetos à execução - do Terminal 3 de Guarulhos, buscaremos entender relações e tensionamentos das lógicas do capitalismo financeirizado com os processos e instâncias materiais e simbólicas dos espaços construídos. Observa-se que na atual fase do capitalismo há uma predominância de redes de mercados financeiros globais, de forma a acelerar sobremaneira a circulação de capitais. Segundo David Harvey, nesse contexto, as cidades passam a se inserir numa concorrência global. A partir de ideologias que pregam uma inevitável globalização e inserção nessas lógicas de competição, cidades se homogeneizam e apontam para leituras como a do arquiteto Rem Koolhaas, que as classifica como *Cidades Genéricas*. As grandes obras de infraestruturas aparecem nesse cenário como fundamentais propulsoras da concorrência - sendo os aeroportos um exemplo delas. As áreas aeroportuárias tornam-se cada vez maiores, suportando cada vez mais passageiros por dia e chegam ao ponto de não apenas exercerem o papel entre deslocamentos e fluxos de passageiros, mas também oferecem os mais diversos serviços e comércios. Há, portanto, uma transformação das características funcionais e programáticas desse espaço: a dinamização do fluxo aeroviário dá lugar a uma maior inserção do consumo e da permanência. No que tange os aspectos culturais e simbólicos, pode-se elencar as consequências e fatores que alguns megaeventos - como Olimpíadas ou Copa do Mundo de Futebol - adquirem, onde as infraestruturas se tornam simbólica e economicamente mais uma ferramenta nessa ordem do capital globalizado. Inserido no Projeto Contracondutas - que parte de questões abertas pela fiscalização e flagrante de situações relacionadas ao trabalho na obra do Aeroporto Internacional de Guarulhos Terminal 3 para, através de pesquisas acadêmicas problematizar de forma abrangente a situação do trabalho análogo ao escravo na indústria da construção civil - a pesquisa busca, em última análise, evidenciar tais aspectos não como desvios, mas parte constituinte dessa lógica global.

5. Desconstruindo o canteiro: o caso do Terminal 3 - Aeroporto de Guarulhos

Rafaella Luppino e Stela Mori Neri Silva (EC /

Estágio em pesquisa Projeto Contracondutas - EC)
orientação: Profa. Dra. Anália Amorim (EC e FAU-USP) e Prof. Valdemir Lucio Rosa (EC)

Esta pesquisa pretende descobrir como se deu o processo de contratação e produção em suas diversas etapas na construção do Terminal 3 do Aeroporto internacional de Guarulhos para, então, problematizar a situação da construção civil. Justifica-se por sua inserção no Projeto Contracondutas, que parte de questões abertas pela fiscalização e flagrante de situações relacionadas ao trabalho escravo em uma grande obra em Guarulhos - Aeroporto Internacional Terminal 3 - para, através de pesquisas acadêmicas, entre outras estratégias, levantar, analisar, debater, problematizar e comunicar de forma abrangente a situação do trabalho análogo ao escravo na indústria da construção civil, refletindo sobre seus rebatimentos na produção da arquitetura. O Projeto Contracondutas, projeto do qual a linha de pesquisa "Desconstruindo o Canteiro" faz parte, surgiu assim do compromisso assumido pela Escola da Cidade em fazer parte do Termo de Ajustamento de Conduta (TAC) firmado pelo Ministério Público do Trabalho. Pretende-se, portanto, esmiuçar, da forma mais abrangente possível, questões como o processo de licitação de obra (Lei nº 8.666) e de terceirização, a industrialização na construção civil, a gestão de custos, a exploração da mão de obra e o processo de distanciamento do projeto de arquitetura em relação ao canteiro de obras. A partir da hipótese de que a licitação de grandes obras da forma como hoje ocorre no Brasil por um lado abre espaço para processos de terceirização, e, por outro, retira do arquiteto a possibilidade do desenvolvimento do projeto em todas as suas etapas, investigaremos os processos de terceirização na obra do aeroporto buscando entender as responsabilidades e consequências financeiras, humanas e de qualidade dos espaços provenientes desses processos. No caso da industrialização, como se tratava de uma pré-fabricação de peças grandes e pesadas, busca-se entender os riscos físicos e de empregabilidade a que os operários foram expostos. Os equipamentos de segurança foram usados devidamente? Houve algum tipo de treinamento para os trabalhadores? Qual é a relação entre o nível de automatização e de mão de obra empregada? Estudaremos também como o preço, a escolha de materiais e as diversas vertentes econômicas podem influenciar para além do salário tanto dos trabalhadores quanto dos arquitetos. Daremos ênfase ao Regime Diferenciado de Contratação (RDC) e Reserva Técnica. Por

meio desta pesquisa e da publicação da mesma no site que vem sendo criado para esse fim, pretende-se problematizar e comunicar a complexidade da cadeia produtiva na construção civil e seus desdobramentos para a contratação, corrupção, atuação do arquiteto e trabalho escravo no canteiro de obras. Em suma, esta pesquisa iniciação científica tem a finalidade de encontrar possíveis explicações para algumas das problemáticas da construção civil usando como exemplo o Terminal 3 do aeroporto de Guarulhos.

MESA 10

Diálogos entre arte, cidade e arquitetura

comentário: Profa. Dra. Taisa Palhares (IFCH-UNICAMP)

coordenação: Prof. Dr. Gilberto Mariotti (EC)

1. Fenomenologia da forma construída - olhares tecidos sob as lentes ofuscadas pela contemporaneidade: a metrópole na fotografia de Michael Wesely

Beatriz Gomes Ferreira

(FAU-USP / Bolsa PIBIC-CNPq)

orientação: Prof. Dr. Guilherme Wisnik (FAU-USP)

A pesquisa utiliza os trabalhos de Michael Wesely como base para discutir a relação da arte, enquanto fotografia, com a arquitetura e a cidade, a saber de que maneira esta contribui como um registro importante para propiciar a compreensão de um recorte espaço-temporal do qual fazemos parte. Conhecido como pioneiro em fotografias de longa duração, o fotógrafo alemão utiliza essa técnica desde 1988, a qual consiste em deixar o obturador da câmera aberto durante um longo período, permitindo constante exposição à luz que resulta em uma única imagem de sobreposição de tempos. O autor aplicou essa técnica em Berlim e Nova York e, atualmente, a convite do Instituto Moreira Salles, desenvolve um novo trabalho em São Paulo. O projeto, intitulado “Câmera Aberta”, surge posteriormente aos trabalhos nessas duas outras importantes cidades, o que atribui à metrópole de São Paulo um reconhecimento que extrapola o âmbito nacional. As fotografias fazem um registro da Avenida Paulista em simultaneidade à construção da nova sede do IMS pelo escritório Andrade Morettin Arquitetos, tornando-se assim pertinente o diálogo que se estabelece entre as obras. Segundo os arquitetos vencedores do concurso em 2011, o novo IMS, além de ser um marco na paisagem construída da Avenida, terá uma relação direta

com o urbano. No projeto, a pele translúcida adotada, em associação à praça elevada, permite a percepção tanto dos rumores da cidade para quem está no edifício quanto de que algo acontece dentro deste para aqueles de fora. Em 2015, Wesely instalou seis câmeras em volta do canteiro de obras, cujos obturadores permanecerão abertos até sua conclusão, em cerca de 2 anos. Para o artista, a qualidade do trabalho não está nos anos de exposição, mas sim que a fotografia está mais escondendo do que mostrando algo, inverso do momento representativo da corrente fotográfica moderna. A lentidão e temporalidade estendida das fotografias urbanas de Wesely contrapõem fortemente o dinamismo da metrópole atual. Em constante mudança, esse complexo mundo contemporâneo é incapaz de ser sintetizado em uma única imagem - seriam necessários infinitos fragmentos para compor o que ele é, ainda que insuficientes. Como um caleidoscópio, tais imagens estão contidas dentro de um campo, e o movimento dentro dele só entra em vigor devido ao olhar e à luz que nele incidem. Desse modo, o espectador tem o poder de escolha sobre o que olhar, dentre as tantas camadas de apreensão. Portanto, ele produz a figura de uma cidade palimpsesto cujas camadas do tempo podem ser desvendadas a partir da base foto/pergaminho. Trata-se do tempo como foco narrativo por meio de sua sobreposição, gerando uma imagem desconcertante do mundo que não a dele próprio, mas sim de seu recorte. Em última análise, sua obra pode ser considerada uma arte que expõe o mundo em sua amplitude, fazendo jus à noção de “campo ampliado” da arte, definida por Rosalind Krauss. Torna-se interessante, então, estudar uma obra de arte que expande as paredes do museu ao mesmo tempo em que elas são construídas, trabalhando-o tanto como suporte quanto como obra.

2. Olhar feminino: a presença da mulher na cidade moderna, percebida através da fotografia de Alice Brill, Berenice Abbott e Vivian Maier

Caroline Pimenta Medeiros

(SENAC / Bolsa SENAC)

orientação: Prof. Ms. Ricardo Luis Silva (SENAC)

Este é um projeto em desenvolvimento dentro do programa de Iniciação Científica do Senac, seguindo a linha de pesquisa “Cidade Mapeada”. Ao olharmos para o ser humano, vemos que ele é, fundamentalmente, um ser relacional. Ele, basicamente, relaciona-se entre si e com o espaço. Essas relações possuem certo caráter, dependendo das peculiari-

dades do ser ou do espaço. O ser *mulher* tem implicações singulares que foram sendo construídas e desenvolvidas ao longo das eras, passando por diferentes formas de se relacionar (sociedade) e por diferentes espaços ou lugares, também construídos ou transformados pela ação do ser humano. O ser cidade, igualmente, tem implicações peculiares. Sendo produto da relação entre o homem e o espaço, a cidade adquiriu um papel importante também como fator de transformações do próprio ser humano, a cidade é ao mesmo tempo metamorfoseada e metamorfoseadora do ser. Entretanto, quais seriam essas condições peculiares de ser - mulher e cidade? Elizabeth Wilson já identificou que “...se as mulheres são vistas como um problema das cidades ou se as cidades são um problema para as mulheres, percebe-se uma relação repleta de dificuldades” (WILSON, 1992). Na cidade moderna o corpo tem para si novas ferramentas que ajudam a chegar com mais rapidez aonde se quer chegar, enxergar a rua quando não há mais a luz do sol, fazendo com que a cidade seja o espaço do homem por mais tempo e também para mais homens. O corpo, então, reage a toda essa multidão de coisas e pessoas, geralmente, de duas formas: indiferença, posto que a quantidade de informações na cidade industrial é muito grande, ou a significação através da observação despreocupada da multidão, o que caracteriza a postura do *flâneuse*. O *flâneur*, no seu tipo clássico, se apresenta como personagem masculino. Contudo, essa postura mais atenta à cidade não era exclusivamente masculina. A mulher, apesar de todas suas peculiaridades em relação ao espaço público, dificuldades de fazer parte desse espaço sem ser considerada desonrosa, também construiu suas próprias experiências como *flâneur*. Essas experiências serão percebidas através de um instrumento que sempre acompanhou o desenvolvimento da cidade: fotografia. Como comenta Name: “A fotografia de rua é consequência da demanda por uma nova técnica de representação instaurada pelas mudanças do sensorio propiciadas pela modernidade” (NAME, 2015). Assim, olho para a vida e obra de três fotógrafas: Alice Brill (1920-2013), Berenice Abbott (1898-1991) e Vivian Maier (1926-2009). Essas fotógrafas foram escolhidas pela qualidade de seus trabalhos que envolviam o ambiente urbano, todas retratando o cotidiano da cidade moderna. Portanto, esta pesquisa se propõe a entender as relações e as percepções próprias da mulher na cidade, compreendendo peculiaridades da experiência urbana feminina como *flâneuse*, e percebendo como essas peculiaridades afetaram o ambiente urbano e foram afetadas por ele.

3. Moholy-Nagy e as representações estéticas da metrópole através do audiovisual: mapeamento e apreensão da realidade

José Tiago Belarmino de Lima
(SENAC / Bolsa SENAC)

orientação: Prof. Ms. Ricardo Luis Silva (SENAC)

Este estudo, ainda em desenvolvimento, é parte integrante da linha de pesquisa Cidade Mapeada e tem por finalidade apresentar os procedimentos estéticos e ideológicos que permeiam as obras cinematográficas do início do século XX a partir do uso inventivo da câmera como mecanismo de apreensão da realidade e para entendimento do cotidiano da cidade. Investiga como a presença de tal mecanismo foi incorporado pelos artistas de vanguarda, que passaram a utilizá-la experimentalmente, a fim de refletir e criticar seu tempo e a construção histórica da observação da cidade em transformação, a partir das experiências de László Moholy-Nagy (1895-1946). Moholy-Nagy foi *designer*, fotógrafo, pintor e professor de design, conhecido por ter sido docente na escola alemã Bauhaus. Paralelamente à docência, desenvolvia filmes experimentais, teatro, desenho industrial e publicitário, fotografia e tipografia, pintura e da escultura. Era forte defensor da integração de tecnologia e ciência nas artes e sua visão global foi fundamental em duas das mais importantes escolas do século XX, a *Bauhaus* e o *Chicago Institute of Design*. A criação de novas relações humanas e artísticas e a tradução da utopia em ação são alguns dos princípios seguidos por Moholy-Nagy. Os principais objetivos da pesquisa são: entender e investigar como o artista registra e documenta o cotidiano da cidade a partir de análises das obras *Berliner Stilleben* (1926), *Impressionen vom alten Marseiller* (1929) e *Gross-Stadt Zigeuner* (1932); buscar compreender o fazer cinematográfico em paralelo com a sociedade e como ela está intimamente ligada à metrópole; analisar os procedimentos estéticos e ideológicos que permeiam as obras; compreender como a produção cinematográfica de Moholy-Nagy contribuiu para a fisionomia da metrópole, entendendo que suas experiências lançaram bases para uma nova forma de retratar a cidade por meio do cinema.

4. A recepção do III salão de maio entre movimentos artísticos brasileiros

Olívia Mendes Tavares
(EC / Bolsa IC - Conselho Científico EC)

orientação: Profa. Dra. Fernanda Pitta
(EC e Pinacoteca-SP)

Para refletir sobre o movimento moderno e abstracionista no Brasil, propomos aproximarmos-nos do início do movimento brasileiro elucidando as ligações entre os movimentos, para então compreender a recepção pelo meio artístico brasileiro das obras, artistas e ideias que tomaram essa iniciativa. Partindo das ideias e propostas gestadas durante a Semana de Arte Moderna em São Paulo no ano de 1922 e através da análise da Revista Anual do Salão de Maio (RASM), de artigos de jornais e revistas da época, e textos publicados por críticos de arte, pretende-se entender o III Salão de Maio como movimento artístico. Pois se torna extremamente importante compreender o porquê dos artistas e das obras expostas, e qual a relação de Flávio de Carvalho e dos demais artistas com a arte brasileira que estava sendo produzida à época. O III Salão de Maio começou com um espírito de ruptura em sua organização. Flávio de Carvalho, até então, participava apenas da comissão organizadora. Duas grandes diferenças pontuam esse último Salão: o grupo de expositores estrangeiros e a publicação de uma revista junto com o catálogo. A RASM, como ficou conhecida, além do importante manifesto, fazia um verdadeiro balanço histórico da arte moderna no Brasil, através de textos de artistas significativos do movimento. A escassez de documentos e arquivos que possam servir de base dificultam sobremaneira o resgate da história da arte brasileira. A dispersão das obras têm sido fatores que colaboram para a pobreza de nossa história.

5. Experiência, espaço, desenho: um olhar para a obra de Lina Bo Bardi e os Neoconcretos

Pedro Feris Araujo

(EC / Bolsa PE - Conselho Científico EC)

orientação: Pro. Dr. Gilberto Mariotti (EC)

Este trabalho se estrutura a partir do desenho experimental que pretende investigar, através de uma produção plástica, a experiência espacial e visual nas obras da arquiteta Lina Bo Bardi. Esta pesquisa lança um olhar sobre as inovações formais trazidas pelos principais atores do Neoconcretismo e como suas intenções dialogam com a busca de experiências presentes na obra da arquiteta ítalo-brasileira. Além da pesquisa bibliográfica, leitura de catálogos e crítica acerca do movimento neoconcreto e dos trabalhos de Lina Bo Bardi, esta investigação explorará referências contemporâneas e autores que tratam o fazer do desenho, a fim de refletir sobre as possibilidades de composição e linguagem capazes de propor situações

para o olhar a partir da produção plástica. Como meio para refletir e concentrar os resultados desta investigação serão produzidos uma série de trabalhos plásticos, envolvendo técnicas mistas, com o objetivo de contemplar toda a discussão abordada e uma produção de um conjunto de desenhos como síntese da pesquisa.

MESA 11

Arquitetura e identidades construídas ou imaginadas

comentário: Profa. Dra. Maria Lucia Bressan Pinheiro (FAU-USP)

coordenação: Profa. Dra. Marianna Boghosian Al Assal (EC)

1. A Mesquita de Santo Amaro como representação da cultura árabe em São Paulo

Henrique Garcia Prado

(USJT / Programa PIVIC-USJT)

orientação: Profa. Dra. Andréa de Oliveira Tourinho (USJT)

A partir do século XIX (século XIII islâmico) começou um grande fluxo de imigrações árabes para as Américas, incluindo o Brasil, após um conflito interno que abalou a estrutura das famílias mulçumanas que não tinham mais forças para reconstruir uma nação pacífica e reorganizar seu território com o domínio do Império Otomano. Essas imigrações, principalmente de sírio-libaneses (até meados do século XIX, Síria e Líbano compunham uma única nação), são de suma importância para o Brasil, mais especificamente para a cidade de São Paulo, que agrega uma grande parcela de mulçumanos fora dos países do Oriente Médio. Em São Paulo os libaneses se instalaram principalmente na região da Rua 25 de Março (parte central da cidade) e seu principal meio de rendimento provinha da comercialização de produtos, basicamente dos tecidos. Os primeiros estudaram na escola árabe de Yázigi - termo que significa escritor na língua portuguesa e que designava a família Síria no tempo de dominação Otomana - e, à medida que enriqueciam, investiam seus capitais na compra de terrenos e na construção de edifícios. Podemos notar influências da arquitetura árabe em alguns edifícios da capital paulista, tais como, nas casas da família Jafet no Ipiranga, no Palácio das Indústrias no Parque D. Pedro e em elementos presentes na mesquita situada em Santo Amaro, objeto de estudo desta pesquisa. A Sociedade Beneficente Muçulmana em Santo Amaro, fundada

em 1977, possui autoria desconhecida, e é uma das cinco instituições de representatividade religiosa islâmica presentes no município de São Paulo. Sua arquitetura resguarda um interior repleto de cores fortes e mosaicos compostos por azulejos (elemento constante da arquitetura árabe). Embora o edifício não apresente grande excepcionalidade artística - no sentido de não ser uma grande obra de arquitetura -, sua utilização como mesquita pode expor a relevância que esta instituição deve representar para a sociedade islâmica e para a cultura e história de São Paulo. Também, ao tratar de uma tipologia única, a mesquita - o templo tradicional do mundo mulçumano e da religião do Profeta Maomé -, abordaremos um problema atual, a percepção do Oriente Médio no Ocidente em tempos de guerra, de terror e de ódio inter-racial e inter-religioso.

2. A obra residencial de Severiano Porto em Manaus: levantamento e análise comparativa

Isabella De Bonis Silva Simões

(EC / Bolsa VE - Conselho Científico EC)

orientação: Profa. Dra. Joana Mello

(EC e FAU-USP)

A presente pesquisa foi formulada com a intenção de estudar a obra de Severiano Porto, arquiteto formado pela FNA (Faculdade Nacional de Arquitetura, atual UFRJ) em 1954 e radicado em Manaus de 1966 a 2003, intervalo de tempo em que manteve um escritório produtivo que fez cerca de 280 projetos. Severiano trouxe do Rio de Janeiro sua formação moderna e aplicou-a na Amazônia consolidando uma estética própria, em que materiais e técnicas estavam de acordo com o clima, a cultura e outras especificidades da região. Com essa produção que se diferenciava por contemplar caracteres regionais, Severiano se destacou no cenário latino-americano. Nesse contexto, essa pesquisa tem como objetivo investigar sua produção a partir das obras cotidianas que trouxeram prestígio e longevidade para seu escritório, essas obras ainda são pouco conhecidas e pesquisadas, podendo contribuir para um entendimento mais amplo sobre sua produção. Pela quantidade de projetos do escritório e pela diversidade dos programas realizados, essa pesquisa decide focar na obra residencial unifamiliar do arquiteto, que soma 55 residências. Dessas residências foram levantadas poucas informações, e não se sabe as que de fato foram construídas, as que já foram demolidas ou o estado atual em que se encontram. Dessa maneira, essa pesquisa pretende levantar esses projetos no

acervo pessoal de Severiano, que foi doado ao Núcleo de Pesquisa e Documentação da UFRJ, para poder começar a mapear e criar fichas que sintetizem informações sobre cada uma dessas residências, atentando para: o nome e ano do projeto, o cliente que o encomendou, a inserção urbana, as técnicas construtivas, os materiais utilizados, os detalhamentos e a composição arquitetônica. Esse método de estudo contribuirá para a organização das informações levantadas e possibilitará uma análise crítica seriada dessa produção.

3. Modernos e brasileiros: o diálogo do Brasil Arquitetura com o trabalho de Lina Bo Bardi e Lucio Costa

Luana Espig Regiani

(FEC-UNICAMP / Bolsa FAPESP)

orientação: Profa. Dra. Silvana Rubino

(IFCH-UNICAMP)

A obra de um escritório de arquitetura pode ser vista através de posturas e referências que de forma recorrente estão presentes nos projetos. Quando o assunto é arquitetura brasileira, podemos pensar que ela estabelece seus referenciais tanto na história colonial e na experiência vernacular dos seus habitantes, quanto nos precursores modernos nacionais e internacionais. Refletindo sobre essas questões, pode-se perceber no escritório Brasil Arquitetura uma obra rara. Neste contexto, busca-se analisar o Brasil Arquitetura sob a ótica daqueles que julgamos ser parte importante na construção dos alicerces do escritório: Lina Bo Bardi e Lucio Costa. “Buscamos em Lucio Costa o que ele filtrou e depurou da arquitetura do Brasil colônia e, em Lina, sua capacidade de atuar em múltiplas disciplinas, sem se submeter ao tempo linear histórico, e nem às limitações geográficas” (FERRAZ, 2011, p.30). Para encontrar as diversas linhas de diálogo do Brasil Arquitetura com Lucio Costa e Lina Bo Bardi, a pesquisa procurou permear o saber e o fazer arquitetônico do trabalho dos arquitetos. A metodologia adotada se mostrou essencial para uma compreensão multissensorial. Além da revisão bibliográfica, foram feitas visitas de campo em projetos selecionados, vivenciando-os em diferentes contextos brasileiros, passando pela Bahia, São Paulo e Rio Grande do Sul. As viagens tiveram como resultado a produção de um diário, com registros escritos e desenhados. Outro ponto fundamental foram as entrevistas com os arquitetos fundadores do Brasil Arquitetura. Também fez parte da metodologia, a construção de maquetes representando as diferentes escalas de atuação

do Brasil Arquitetura e a análise destes projetos dentro do tema estudado. O trabalho desenvolvido está em uma monografia, disponível em meio digital (https://issuu.com/luanaregiani/docs/luana_espig_modernos_e_brasileiros_), onde buscou-se traduzir gráfica e textualmente a experiência proporcionada pela imersão na pesquisa. Estudar Lina Bo Bardi e Lucio Costa nos faz perceber encaminhamentos arquitetônicos que transcendem o Moderno e chegam ao presente. Neste presente está o Brasil Arquitetura e suas conversas. Francisco Fanucci e Marcelo Ferraz absorvem, digerem e transformam influências externas, respeitando e estabelecendo conexões com a memória, a cultura local e seus protagonistas. Assim, os projetos propõem soluções a demandas humanas universais de relacionamento e comunicação, mas considerando uma maneira própria de estar no mundo, que busca no país de origem a matéria-prima do trabalho. Realizam uma arquitetura brasileira contemporânea, mantendo o diálogo com aqueles que são parte importante na construção das ações dos arquitetos.

4. Latin American Architecture since 1945: história e historiografia

Laura Levi Costa Sousa (EC / Bolsa FAPESP)
orientação: Profa. Dra. Marianna Boghosian Al Assal (EC)

A presente pesquisa dedica-se ao estudo sistemático e aprofundado da publicação de Henry-Russel Hitchcock *Latin American Architecture since 1945* - catálogo da exposição de mesmo nome realizada em 1955 no Museu de Arte Moderna de Nova York - buscando entender seus sentidos históricos e historiográficos. O MoMA surge em 1929 como fruto de diversos interesses, tanto nacionais - no que diz respeito à cultura, política e economia - quanto internacionais, “sob a alegação de que a arte do período não estava recebendo representação adequada pelas instituições existentes a ela destinadas (Museum of Modern Art Architectural Exhibition, 1931, s.p.). A comissão fundadora então, idealizaria o Museu como uma tentativa de abraçar os tempos modernos e propor uma revisão à crítica e à produção da arte. Tomando-se como premissa a imigração de arquitetos Europeus para os Estados Unidos em decorrência da Primeira Guerra e da Revolução Russa, somada à introspecção dos países Europeus, preocupados em se reconstruírem, os Estados Unidos puderam gradualmente se impor e competir com as capitais artísticas europeias, na tentativa de afirmarem-se como potência econô-

mica, política e cultural. Para alcançar essa hegemonia, era necessário contornar as críticas existentes no momento e reestabelecer os conceitos das correntes artísticas modernas em vigor, na busca de uma linguagem compatível aos novos tempos. Seria necessário também adaptar tais linguagens a um contexto americano, uma vez que a indiferença às culturas e climas locais das vanguardas seriam progressivamente postas em discussão - sobretudo após a segunda guerra mundial. Nesse contexto, o governo norte-americano percebe novos possíveis aliados: países periféricos do Terceiro Mundo, em especial, a América Latina, através da chamada “Política da Boa Vizinhança”. O projeto entende que a propagação cultural funciona como estratégia política de atuação dos Estados Unidos nesse contexto e que o Museu, desde sua fundação, funciona como ferramenta essencial dessa política externa dos Estados Unidos. Como iniciativa de um plano de construção de alianças, a instituição começa a olhar para a arte latino-americana, o que é documentado pela publicação *The Latin American Collection of The Museum of Modern Art*, em 1943, seguida de outras exposições focadas na arte e arquitetura latino-americanas, recheadas de exaltações e elogios a respeito da “outra cultura”, como novo conceito artístico e nova possibilidade de linguagem do modernismo em revisão. Por um lado, busca-se entender a exposição de 1955 e a consequente publicação no âmbito tanto de questões afeitas ao campo disciplinar da arquitetura e à revisão que o modernismo sofrerá no segundo pós-guerra, quanto de aspectos mais amplos de cunho político e cultural. Por outro lado, procura-se entender o discurso ali construído e que se difundirá como visão da arquitetura moderna latino-americana. Assim, não apenas as escolhas feitas pela curadoria, mas também a conjuntura social, histórica e política do MoMA - no que diz respeito ao seu poder de divulgação e criação de uma nova crítica à arte moderna e a suas conexões diretas com a Política de Boa Vizinhança então em curso - passam a ser aspectos centrais para o desenvolvimento da pesquisa. O projeto tenta entender os interesses por trás do filtro norte-americano ao vender a arte e arquitetura latino-americanas para o mundo, e para isso é necessário entender os discursos e os arquitetos apresentados no catálogo de Hitchcock, de forma costurada ao contexto em que foi publicado.

5. Habitação social e identidade nos Congressos Panamericanos de Arquitetura

Bruna Carolina de Souza Pereira

(FEC-UNICAMP / Bolsa PIBIC-CNPq)
orientação: Profa. Dra. Josianne Francia Cerasoli
(IFCH-UNICAMP)

Este projeto tem como propósito o estudo da habitação social, aliado à percepção de um repertório identitário da América, a partir dos Congressos Pan-americanos de Arquitetos referentes ao período entre 1920 e 1930. Através da análise de bibliografia relacionada ao tema, objetivou-se compreender a problemática habitacional no Brasil, principalmente, por um viés histórico, político, econômico e cultural, posto que a crise de moradia era uma preocupação pertinente a todos os setores da sociedade, embora por motivos distintos e delineados por concepções higienistas e moralizantes. Profissionais, como sanitaristas, médicos, arquitetos e engenheiros, se mobilizaram para encontrar soluções cabíveis às condições miseráveis em que se ocupavam as habitações operárias, como casebres e cortiços, e ao contexto de epidemias que se propagavam, sobretudo a partir de cidades portuárias. Nessa medida organizaram-se congressos que tratavam, sobretudo, da habitação operária e dos problemas de salubridade a ela vinculados. Definiram-se então medidas e resoluções, especialmente de cunho técnico, que nortearam o pensamento sobre a habitação popular das décadas seguintes. Desses encontros, pode-se citar o Congresso de Habitação de São Paulo (1931) e os Congressos Pan-americanos de Arquitetura, do qual vários países da América Latina participaram a partir de 1920. É dessa maneira, então, que são propostos padrões de construção para baratear as casas e que se difundiu a importância dessas moradias como instrumento de controle social. É preciso destacar, enfim, que este resumo objetiva apontar que os programas habitacionais no Brasil não têm priorizado modos distintos de sociabilidade e moradia, mas sim o controle e a subordinação do modo de vida das populações, sobretudo trabalhadores. Desse modo se evidencia que a destruição de cortiços e expulsão dos pobres do centro urbano são reflexos de uma preocupação “social” modelada por interesses secundários, o que também se reflete na consolidação de propostas políticas e ideológicas, cujo propósito não tinha por base amparar tais setores da sociedade. Neste ponto a habitação operária passa a ser uma preocupação para classes dominantes quando o medo das aglomerações e epidemias, associadas a este tipo de moradia, desolam a cidade e ameaçam os bairros ricos. Ainda assim, as medidas tomadas pelo governo são sempre parciais, favorecendo os

mais abastados, e reafirmando um discurso intransigente e discriminatório em relação às habitações e seus moradores. Os casebres, cortiços e casas de cômodos são, então, pulverizados, invadidos, desinfetados e, muitas vezes, queimados, sem que propostas de construção de novos abrigos fossem articuladas na mesma proporção. É preciso lembrar que o pensamento médico, sanitarista e a arquitetura progressista atribuíam ao meio ambiente a qualidade de agente transformador de indivíduos, de tal maneira que à casa operária serão anexados conceitos de higienização e moralização dos moradores (como maneira de suprimir a promiscuidade dos cortiços). É neste rumo que seguem as propostas para habitações econômicas, sendo construídas vilas operárias, conjuntos habitacionais e, por fim, casas unifamiliares: o modelo ideal de habitação, posto que é individual, higiênica e disciplinar. Portanto, é através da manipulação dos espaços, do meio ambiente que se pretende “adequar” o proletariado à civilização moderna.

MESA 12

Trabalho, trabalhadores e memória

comentário: Profa. Dra. Ana Lanna (FAU-USP)
coordenação: Prof. Dr. Eduardo Costa (EC e IFCH-UNICAMP)

1. Patrimônio ferroviário na cidade de São Paulo: a importância da linha Santos-Jundiaí para os bairros do Tamanduateí

Paloma Silva Viana (USJT / Programa PIVIC-USJT)
orientação: Profa. Dra. Andréa de Oliveira Tourinho (USJT)

A partir do estudo da urbanização dos bairros industriais de São Paulo e da relação que as primeiras ocupações industriais estabeleceram com a linha férrea a partir do final do século XIX, a pesquisa pretende verificar o tratamento que tem sido dado à discussão sobre a preservação do patrimônio ferroviário e industrial nos processos de tombamento e estudos realizados pelos órgãos de preservação do patrimônio histórico na cidade de São Paulo. Dada a relevância da ferrovia e indústria na consolidação da cidade de São Paulo, diversos imóveis de uso originalmente ferroviário e industrial são considerados patrimônio cultural, sendo reconhecidos através do tombamento. O recorte estudado se refere a área compreendida no perímetro da Operação Urbana Consorciada Bairros do Tamanduateí, anteriormente denominada Operação Urbana Consorciada Mooca - Vila

Carioca, que é marcada pela passagem da linha férrea e ocupação industrial nas áreas lindeiras a ela. A pesquisa parte da análise de mapas e pesquisa bibliográfica. Através da comparação, pretende-se verificar se o patrimônio industrial e ferroviário é visto como uma unidade ou se é dissociado em seu reconhecimento na paisagem dos bairros. A atual separação entre indústria e ferrovia nos tombamentos pode descaracterizar o patrimônio, pois desconsidera a estreita relação que existe entre eles, observada na configuração urbana dos bairros e na implantação dos galpões industriais. Esses bens poderiam ser considerados em conjunto, respeitando a história do lugar. Nesse sentido, considerar a integração entre ferrovia e indústria é a melhor forma de entender o patrimônio como uma paisagem cultural. Verifica-se com a pesquisa que os estudos que subsidiam o tombamento e o restante da bibliografia consultada que a relação entre a linha férrea e indústria é reconhecida, no entanto, na efetiva proteção dos bens, são poucos os processos que abrangem tanto o patrimônio ferroviário quanto o industrial. Em sua grande maioria, o patrimônio é dissociado.

2. Inventário das Arquiteturas do Patrimônio Cultural Ferroviário na Associação dos Municípios da Região Carbonífera - AMREC

Lays Juliani Hespanhol e Alice Bortoluzzi
(UNESC / Bolsa PIC-SC)

orientação: Profa. Ms. Aline Eyng Savi (UNESC)

O Patrimônio Cultural Material é aquele que por hábito chamamos de Patrimônio, tudo aquilo que o homem ao interagir com o meio em que vive e usando os conhecimentos adquiridos, fabricou ou construiu ao longo de sua existência. Desde o século passado, os trilhos foram responsáveis por desenhar as cidades e ainda fazem parte da paisagem construída. Esta por sua vez, é um bem cultural, que destaca a percepção do território, a relação do indivíduo com seu meio. O Patrimônio Cultural Ferroviário vem sendo estudado pelo IPHAN há pelo menos uma década, por meio de pesquisas e busca de conhecimento. A Lei Federal número 11.483, de 31 de maio de 2007, atribuiu ao Instituto a responsabilidade de receber e administrar os bens móveis e imóveis de valor artístico, histórico e cultural, oriundos da extinta Rede Ferroviária Federal S.A. (RFFSA), bem como zelar pela sua guarda e manutenção. Desde então, o Instituto avalia, dentre todo o espólio oriundo da extinta RFFSA, quais são os bens detentores de valor histórico, artístico e cultural. Afinal, muitos municípios brasileiros surgi-

ram e muitas regiões se desenvolveram, em função das ferrovias e de suas estações. Nessa perspectiva, a região sul do Estado de Santa Catarina teve muitas de suas cidades desenvolvidas às margens da Ferrovia Dona Tereza Cristina, ligada à extinta RFFSA. Ela teve como atividade principal a exploração de serviços de transporte ferroviário de carga, especialmente o carvão mineral, produzido no sul do Estado de Santa Catarina, e destinado à geração de energia termelétrica. Consolidada a primeira linha férrea, construíram-se ramais para alcançar Criciúma, Urussanga e redondezas onde aflorava o carvão. Na cidade de Criciúma, a ferrovia ajudou a desenhar o traçado urbano. A principal ligação da cidade - Avenida Centenário - foi projetada no local onde passava o ramal férreo. Ainda hoje, os trilhos e o apito do trem fazem parte do cenário de alguns bairros da cidade. Essa mesma paisagem pode ser encontrada em outros municípios que faziam parte do ramal sul da Ferrovia. Ignorar o patrimônio cultural ferroviário, deixando-o esquecido na história das cidades é perder parte importante dos monumentos que ajudaram a criar o cenário de crescimento e desenvolvimento de uma região. A primeira ação para que isso não aconteça é inventariar arquiteturas, de modo a gerar dados permanentes. É fundamental gerar documentação acerca dos bens patrimoniais, permitindo o conhecimento de sua existência e a preservação das informações. Reunir dados que contextualizem, na história e no território, os bens que são objetos de estudo. Organizar as informações provenientes de universos culturais temáticos ou territoriais, sejam eles pertencentes ou não da lista apresentada. Sabendo disso, o resumo apresenta o projeto de iniciação científica cujo objetivo é: elaborar um registro amplo da arquitetura do Patrimônio Cultural Ferroviário pertencente à Ferrovia Tereza Cristina na região da AMREC. A construção do inventário do patrimônio cultural ferroviário é uma etapa inicial e indispensável no processo de registro de bens culturais, trabalho necessário no sentido de incentivar a preservação dos mesmos e viabilizar ações municipais nesse sentido.

3. Chafarizes e a memória da escravidão em São Paulo

Artur Santoro (FFLCH-USP / Estágio em pesquisa Projeto Contracondutas - EC)

orientação: Profa. Ms. Amália Cristovão dos Santos (EC) e Prof. Dr. José Guilherme Magnani (FFLCH-USP)

Esta linha de pesquisa parte de um questionamen-

to da historiografia tradicional sobre São Paulo, a saber, qual é o lugar da população escravizada na constituição da cidade e da sociedade paulista. Em função do uso mais numeroso de mão de obra escrava em outras porções da América portuguesa, destacadamente no nordeste açucareiro, e das importantes alianças estabelecidas entre colonos portugueses e grupos indígenas na região do atual estado de São Paulo, a escravidão foi, por muito tempo, tema secundário nas pesquisas históricas acerca desse território. Da mesma forma, após a abolição da escravatura, as frequentes ações de exclusão da população recém-liberta, especialmente com a inclusão massiva de imigrantes europeus nos novos postos de trabalho criados, contribuíram para solidificar o obscurecimento da população negra nas narrativas e representações sobre a São Paulo do progresso. A partir dessas constatações, propomos nesta linha de pesquisa resgatar as memórias da presença da escravidão e da população escravizada na cidade, tomando como objeto central os chafarizes, originalmente construídos como elementos da infraestrutura urbana. Presentes desde o período colonial e extintas no decorrer do século XX, essas construções delimitavam espaços de convivência e sociabilidade de pessoas escravizadas, uma vez que cabia a elas a tarefa de buscar água. Os chafarizes e seus arredores eram vistos pelas elites locais e pelo policiamento da cidade como áreas com grande potencial para “vadiagem”, brigas, confusões e até mesmo para o planejamento de rebeliões, por serem locais privilegiados para o encontro dos grupos escravizados e de pessoas livres e pobres. Tendo como mote a modernização dos sistemas de abastecimento de água - principalmente por meio da implementação de encanamentos -, os chafarizes deixaram de ser essenciais e foram paulatinamente extintos, restando apenas aqueles de função contemplativa ou paisagística. A partir desse escopo, buscaremos reconfigurar a inserção da população negra na formação da história paulista e retomar a escravidão como tema de pesquisa dentro desse recorte. Entendemos ainda que o apagamento do trabalho escravo e dessa população na historiografia paulista resulta, entre outras coisas, numa maior vagueza acerca do entendimento contemporâneo de “trabalho análogo à escravidão”, cuja definição legal encontra-se atualmente em disputa e para a qual nossa pesquisa almeja também contribuir.

4. Análise qualitativa da vila operária da Companhia Antarctica Paulista

Denis Jesus Mignoli (USJT / Programa RIC-USJT)

orientação: Profa. Dra. Ana Paula Koury (USJT e IEB-USP)

A Vila Operária da Companhia Antarctica Paulista é uma das várias habitações operárias do começo do século XX na região leste da Cidade de São Paulo. Ela é pouco citada e está inserida em uma das maiores empresas de cervejaria do século passado. Tem por objetivo essa pesquisa demonstrar possíveis benefícios da presença dessas vilas na fábrica; recuperar seu significado e conseqüentemente recuperar uma identidade cultural para o bairro; acrescentar um novo elemento a narrativa histórica das habitações operárias em São Paulo. A pesquisa realizará levantamento documental e sua análise qualitativa. A metodologia utilizada é baseada em: leitura de periódicos e relatórios feitos pelos higienistas sobre as vilas operárias da época, retirados da Hemeroteca Mario de Andrade; consulta ao acervo da empresa; levantamento e leitura de títulos relacionados ao tema; perfil social do dono da empresa, comparações com outras vilas (Vila Maria Zélia- Belenzinho); pesquisa qualitativa com antigos moradores; pesquisa pelas plantas da cidade de São Paulo da época; fotos áreas cedidas pela EMPLASA; levantamento documental de plantas no Arquivo Histórico Municipal de São Paulo. O presente trabalho analisará a Vila Operária da Companhia Antarctica Paulista e seus possíveis benefícios com seus operários. A Vila Operária em questão possuía 36 casas, 65m² cada de área construída, junto à Avenida Presidente Prudente e era destinada aos operários mais especializados. Atualmente a vila operária se encontra demolida, motivos estes que não foram encontrados. Através da análise qualitativa com os antigos moradores foi obtido um significado à vila, identidade cultural forte com o espaço e função social do ambiente, caracterizando uma agregação do recinto. Estes pré-resultados demonstram que a vila operária, juntamente com a fábrica, possui forte presença na memória de seus antigos moradores e revela grande oportunidade de incrementar a narrativa do bairro e das habitações operárias de São Paulo com um novo ponto de vista. Outro resultado obtido através da pesquisa da história da Companhia é o destaque da Fundação Antônio e Helena Zerrenner, que ofereceu assistência social completa aos seus empregados, operários e familiares, reforçando o papel pioneiro desta empresa e sua capacidade de cooperação entre dirigentes e dirigidos.

5. Etnografia do canteiro e a cultura do trabalho escravo

Juliana Barbosa (FIAM-FAAM / Estágio em pesquisa Projeto Contracondutas - EC)
orientação: Prof. Ms. Pedro Lopes (EC), Profa. Ms. Amália Cristovão dos Santos (EC) e Prof. Dr. José Eduardo Baravelli (FIAM-FAAM)

A partir do flagrante de 111 pessoas em situação de trabalho análogo à escravidão no canteiro de obras em Guarulhos, esta linha de pesquisa propõe explorar os encontros e relações entre a antropologia e a arquitetura, por meio da aproximação teórico-metodológica entre ambos os campos na realização de pesquisa etnográfica. O diálogo com a antropologia vem sendo bastante invocado nos espaços de pesquisa e atuação da arquitetura e do urbanismo, marcadamente em debates que envolvem a observação de contextos localizados. Nesse campo disciplinar, orientações teórico-metodológicas possibilitam uma aproximação com relações sociais encarnadas, o que oferece importantes subsídios ao trabalho reflexivo e propositivo da arquitetura. Compreendendo também outros potenciais recortes que investiguem a relação entre esses campos, o que esta pesquisa propõe é voltar a atenção para as pessoas que trabalham em grandes canteiros da construção civil, tendo como objeto inicial as obras para o novo terminal do aeroporto de Guarulhos. A precarização do trabalho encontrada nos canteiros de obras das grandes empresas construtoras brasileiras exige um esforço da atividade de pesquisa que ultrapassa a militância contra a condição análoga à escravidão encontrada em meio rural e em atividades extrativistas. É preciso pesquisar a inserção produtiva deste trabalho precário num novo patamar de atividade econômica, caracterizado pelo domínio da tecnologia organizacional e pelos sistemas de gestão de matriz industrial, mantendo-se a etnografia como norte teórico-metodológico. A abordagem proposta segue as pesquisas antropológicas de Alain Morice, centradas nos processos de submissão social e cultural dos trabalhadores que ocupam a base produtiva destes grandes canteiros - peões, serventes e ajudantes de obras - desta vez como trabalhadores sub-empregados e submetidos a sistemas de gestão de qualidade e procedimentos de controle e medição de serviços. Caminhando nessa direção, esta pesquisa estrutura-se a partir de dois objetivos centrais: (1) Identificar os sistemas de gestão de qualidade e os procedimentos de controle e medição de serviços sub-empregados que forma utilizados nas obras de construção do novo terminal do aeropor-

to de Guarulhos; e (2) analisar através de estudo dos processos trabalhistas e entrevistas selecionadas como estes sistemas e procedimentos de controle da produtividade atuaram sobre os 111 trabalhadores desse canteiro de obras que foram flagrados em condição análoga à escravidão. Espera-se que os resultados finais configurem um registro que venha a se tornar referência para novas pesquisas dentro desses moldes, e também contribuindo para a consolidação da interface entre arquitetura e antropologia na Escola da Cidade e suas parcerias com outras instituições.

Professores convidados

Profa. Dra. Ana Castro

Possui graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de São Paulo (1997), mestrado em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de São Paulo (2005) e doutorado em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de São Paulo (2013). Atualmente é professora doutora da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo - USP, Membro de corpo editorial da Revista Negativo e da revista Cadernos de Pesquisa da Escola da Cidade. Tem experiência na área de arquitetura e urbanismo, com ênfase em fundamento sociais da arquitetura e urbanismo. Atuando principalmente nos seguintes temas: cidade, história, historiografia, cultura urbana, São Paulo e América Latina.

Profa. Dra. Ana Lanna

Possui graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Minas Gerais (1980), mestrado em História pela Universidade Estadual de Campinas (1985), doutorado em História Social pela Universidade de São Paulo (1994) e pós-doutoramento na Univ. Paris IV- Sorbonne (2001). Atualmente é professora titular da Faculdade de Arquitetura da Universidade de São Paulo. Foi diretora do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB) da Universidade de São Paulo (2006-2010) e Presidente do CONDEPHAAT (2013-2015). Tem experiência na área de história, com ênfase em história do Brasil, atuando principalmente nos seguintes temas: história das cidades, patrimônio cultural, arquitetura, história urbana e história social. Coordenadora do Projeto Temático FAPESP São Paulo: os estrangeiros e a construção da cidade.

Profa. Dra. Beatriz Kara José

Formada Arquiteta e Urbanista pela Universidade de São Paulo (1997), mestre em Estruturas Ambien-

tais Urbanas (2005) e doutora em Planejamento Urbano e Regional (2010) pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. Atualmente é professora de desenho urbano e planejamento urbano no bacharelado de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário Senac. Tem experiência na área de arquitetura e planejamento urbano, atuando principalmente nos seguintes temas: habitação, reabilitação urbana, intervenções em áreas centrais e políticas interseccionais voltadas para superação da vulnerabilidade sócio-espacial.

Prof. Dr. Caio Santo Amore

Professor Doutor no Departamento de Tecnologia da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, instituição onde se graduou (1997) e obteve os títulos de mestre em Estruturas Ambientais Urbanas (2005) e doutor em Planejamento Urbano e Regional (2013). Arquiteto e urbanista associado da ONG de Assessoria Técnica Peabiru - trabalhos comunitários e ambientais desde 1998. Tem experiência na área de arquitetura e urbanismo, com ênfase em ensino superior e em projetos de arquitetura, planos e estudos urbanísticos, coordenação de equipe, atuando sobretudo em temas ligados à habitação de interesse social, áreas de urbanização precária e assessoria técnica a movimentos sociais e populares.

Profa. Dra. Glória Kok

Possui graduação em Filosofia pela Universidade de São Paulo (1988), mestrado em História Social pela Universidade de São Paulo (1993), doutorado em História Social pela Universidade de São Paulo (1999) e pós-doutorado junto ao Departamento de Antropologia da UNICAMP (2006-2011). Atualmente é pesquisadora do Laboratório de Arqueologia

dos Trópicos e pós-doutoranda do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP (2013). Pesquisa nas áreas de história colonial, antropologia, história indígena, história de São Paulo e história da ocupação da Amazônia.

Prof. Dr. José Eduardo Baravelli

Possui graduação, mestrado e doutorado em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de São Paulo, além de graduação em Filosofia pela Universidade de São Paulo. Realizou estágio de pesquisa no Hunter College/CUNY e na GSAPP/Columbia University com apoio da Capes e da Comissão Fulbright do Brasil. É arquiteto associado do Centro de Trabalhos para o Ambiente Habitado (USINA), pesquisador-colaborador do Laboratório de Habitação e Assentamentos Humanos (LabHab / FAU-USP) e professor da FIAM-FAAM e da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. Tem experiência em projeto de edificações e infraestrutura urbana, atuando principalmente nos seguintes temas: tecnologia da arquitetura, habitação social e assentamentos informais.

Profa. Dra. Maria Lucia Bressan Pinheiro

Possui graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de São Paulo (1980), mestrado em Arquitetura e Urbanismo (1989) e doutorado em Estruturas Ambientais Urbanas (1997) pela Universidade de São Paulo. Atualmente é professora doutora da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo e coordenadora geral do projeto “Plano de Gestão de Conservação para o Edifício Vilanova Artigas”, que conta com recursos do programa *Keeping it Modern*, patrocinado pela Fundação Getty. Foi diretora do Centro de Preservação Cultural-CPC da USP (2006-2010). Tem experiência na área de arquitetura e

urbanismo, com ênfase em história e preservação da arquitetura brasileira, atuando principalmente nos seguintes temas: história da arquitetura brasileira e preservação do patrimônio cultural.

Profa. Dra. Marta Bogea

Possui graduação em arquitetura e urbanismo pela Universidade Federal do Espírito Santo (1987), mestrado em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1993) e doutorado em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de São Paulo (2006). Atualmente é professora doutora no Departamento de Projeto da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP. Tem experiência na área de arquitetura e arte, com ênfase em teoria e projeto, atuando principalmente nos seguintes temas: arquitetura, arte, cidade contemporâneas.

Profa. Dra. Paula Santoro

Arquiteta e urbanista, professora do Departamento de Projeto da FAUUSP, atualmente coordena projeto observaSP junto ao LabCidade FAU-USP. Graduada pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (1997), mestre em Estruturas Ambientais Urbanas, FAU-USP (2004) e doutora em Habitat, FAU-USP (2012). Fez parte do doutorado na Universidade Politécnica da Cataluña (ETSAB-UPC) e cursou especialização em Política de Terras na América Latina pelo Lincoln Institute of Land Policy, Panamá (2007). Foi Assistente Técnica do Ministério Público do Estado de São Paulo nos temas Habitação, Urbanismo e Meio Ambiente (2011-2013) e trabalhou na cooperação brasileira com o Governo de Moçambique para elaboração da Política Nacional de Habitação (2009). Tem experiência na área de arquitetura e urbanismo, atuando principalmente nos seguintes

temas: plano diretor, planejamento territorial, meio ambiente, urbanismo, plano urbano, gestão social da valorização da terra, mobilidade urbana, espaço público/ comum.

Profa. Dra. Sabrina Studart Fontenele

Doutora pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo na área de História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo (2008). Possui graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal do Ceará (2000) e mestrado em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de São Paulo (2004). Funcionária do Centro de Preservação Cultural da USP (CPC-USP) atuando na área de “Construções, conjuntos e sítios”. Desenvolve pesquisa de pós-doutorado no Instituto de Filosofia, Ciências Humanas da Unicamp. Tem experiência na área de arquitetura e urbanismo, com ênfase em história da arquitetura e urbanismo, atuando principalmente nos seguintes temas: história da arquitetura, patrimônio histórico, restauro, arquitetura e restauração.

Profa. Dra. Silvana Rubino

Possui graduação em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo (1982), mestrado em Antropologia Social pela Universidade Estadual de Campinas (1992) e doutorado em Ciências Sociais pela mesma instituição (2002). É professora do Departamento de História da Universidade Estadual de Campinas. Foi coordenadora da pós-graduação em História, IFCH-UNICAMP (2006-2008). Realizou estágio pós-doutoral na École des Hautes Études en Sciences Sociales. É conselheira do Condephaat e no momento, termina a redação de sua tese de livre-docência a respeito de arquitetetas do movimento moderno, uma pesquisa que vincula gênero e história da cultura.

Profa. Dra. Taisa Palhares

Professora de Estética no Departamento de Filosofia da Universidade Estadual de Campinas (IFCH/Unicamp). Possui graduação (1997), mestrado (2001) e doutorado em Filosofia (2011) pela Universidade de São Paulo (USP). De 2003 a 2015 foi pesquisadora e curadora da Pinacoteca do Estado de São Paulo. Realiza estudos nas áreas de estética e artes visuais, com ênfase na pesquisa sobre a fundamentação da obra de arte desde a modernidade. Atualmente desenvolve pesquisa sobre a percepção estética como jogo em Walter Benjamin e sua relação com a arte moderna e contemporânea.